



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM
HISTÓRIA**

**DESCORTINANDO AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM CAMPINA
GRANDE: UMA HISTÓRIA SOBRE OS FESTIVAIS DE INVERNO**

JOSELIA FERREIRA DE OLIVEIRA

**CAMPINA GRANDE-PB
2008**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

**DESCORTINANDO AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM CAMPINA
GRANDE: UMA HISTÓRIA SOBRE OS FESTIVAIS DE INVERNO**

Monografia apresentada ao Curso de História da
Universidade Federal de Campina Grande-PB, em
cumprimento as exigências para obtenção do título de
Licenciada em História, pela aluna JOSELIA
FERREIRA DE OLIVEIRA.

ORIENTADOR: PROFº DR. JOSE BENJAMIN MONTENEGRO

**CAMPINA GRANDE – PB
2008**



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

JOSELIA FERREIRA DE OLIVEIRA

**DESCORTINANDO AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM CAMPINA
GRANDE: UMA HISTÓRIA SOBRE OS FESTIVAIS DE INVERNO**

Monografia apresentada em ____ / ____ / ____

COMISSÃO EXAMINADORA

**Profº Dr. José Benjamin Montenegro
Orientador**

**Profª. Drª Rosilene Montenegro
Examinadora**

**Profª. Draª Regina Coele Gomes
Examinadora**

Média Final _____

Aprovada em: ____ / ____ / _____

Dedicatória

*Dedico este trabalho a minha mãe Justa e
aos meus filhos Jefferson e Wanessa..*

A civilização científico-técnico confrontou todos os povos, nação, culturas com suas tradições morais, culturais e grupais com suas respectivas especificidades. Pela primeira vez na história da humanidade, os homens estão diante da tarefa prática de assumir a responsabilidade solidária pelas conseqüências de suas ações, seguindo parâmetros de dimensões planetárias.

K.O.Apel.

Agradecimentos

A *DEUS*, pela concessão da vida e por ter me concebido força, coragem e confiança, equilíbrio e sabedoria para prosseguir nesta caminhada.

Aos meus *pais*, pelo amor, incentivo e dedicação.

Aos meus *irmãos*, e a *minha mãe*, que de forma direta me incentivaram na busca desta conquista.

Ao professor José Benjamin Montenegro, Rosilene Montenegro e Regina Coele Gomes pelo apoio, incentivo e orientação concebida para conclusão deste trabalho.

Aos colegas de sala de aula, pela ajuda prestada durante todo curso, em especial a Wellington, e Ebenezer Robson pelo convívio durante horas de estudo que compartilhamos.

Aos professores do Departamento de História da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.

A Eneida Agra Maracajá que nos concedeu informações preciosas sobre as questões voltadas ao Festival de Inverno em Campina Grande-PB.

E como não poderia esquecer Maria de Fátima Nóbrega Sousa que me auxiliou o tempo todo na pesquisa junto ao Museu Histórico de Campina Grande-PB.

Serei eternamente grata. Muito Obrigada!

A pesquisa realizada acerca dos Festivais de Inverno em Campina Grande-PB, cujos objetivos foram: refletir alguns caminhos percorridos no âmbito da cultura evidenciada nos Festivais campinenses, bem como, mostrar a permanência da forma do Festival de Inverno. Considerando a importância da inovação, haja vista que, no decorrer do processo de mudanças vigente na sociedade, com a globalização, a cibernética e tantas outras transformações sociais, tecnologias e culturais não foram utilizadas no sentido de mudanças de posicionamentos e questionamentos culturais em Campina Grande-PB. Partindo desta premissa percebemos a relação entre a cultura popular e nacional, entendemos que esse casamento se realiza de forma eclética. Utilizamos dados do Museu Histórico de Campina Grande-PB, que subsidiaram a pesquisa bibliográfica sob a ótica de estudiosos interessados na temática cultural. Portanto, os Festivais de Inverno se legitimam mediante diferentes aspectos da cultura popular, vinculada a uma diversidade cultural presente nestas manifestações de cunho artístico-cultural. Entretanto, é notório que a questão do nepotismo nas relações interiores dos Festivais, primando os interesses pessoais e políticos prejudicam o crescimento das atividades culturais no município.

Palavras-chave: cultura, arte, Festival

Sumário

INTRODUÇÃO.....	08
CAPITULO I – NASCIMENTO DOS FESTIVAIS DE INVERNO.....	15
CAPÍTULO II – A NOVA ROUPAGEM DA TRADIÇÃO NOS FESTIVAIS DE INVERNO NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXOS.....	62

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata da história dos Festivais de Inverno em Campina Grande-PB. O objetivo principal é perceber os caminhos que foram trilhados na construção dos Festivais de Inverno. Dessa forma, verificamos que, a produção artística se manifesta através das diversas formas de expressão da linguagem, práticas estas determinantes nos espaços da música, da dança, e do teatro, construindo assim, os elementos fundamentais da manifestação da arte e da cultura de um povo. Partimos da premissa de que, existe uma relação intrínseca entre cultura popular e nacional, o que legitima tais práticas culturais. Em diferentes épocas, e sob diferentes aspectos, a cultura popular se vincula a construção da identidade nacional. É essa diversidade cultural presente nos Festivais de Inverno que nos leva a perceber que a natureza do comportamento humano se modifica independente das reações emocionais, uma vez que as questões culturais podem evoluir, chegando a influenciar a construção de novos conhecimentos e comportamentos.

Em detrimento desses fatos, o aspecto político como suas práticas em Campina grande durante o processo dos Festivais de Inverno, será abordado e refletido em um prisma sócio-cultural, como também sócio-econômico.

A tradição da preservação dos costumes e hábitos demonstra ser eficazes, segundo Laraia¹(2003), os comportamentos tradicionais são formas puras da ação social demonstradas através das atitudes que movem os indivíduos em sociedade, sendo determinadas pelos hábitos e pela noção de que sempre foi assim, portanto, devem permanecer. E assim, os comportamentos vivenciados se misturam com os elementos culturais de um determinado lugar, por isso, tradição e cultura se entrelaçam, nesse conjunto complexo de conceituações.

¹ LARAIA, Roque de Barros, Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Sabemos que os conceitos sobre cultura são múltiplos e muitas vezes contraditórios, o significado mais simples do termo abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial. Além disso, a cultura é um complexo de conhecimentos e de habilidades humanas empregada socialmente. Assim, a cultura implica em todo comportamento apreendido de modo independente do biológico².

Os Festivais de Inverno originariamente marcado por um significado religioso, prática transmitida de geração a geração encontra o sentido dos significados nos elementos culturais presentes nos costumes, nas artes, nos fazeres do povo e nas heranças do passado.

Entendemos que o comportamento de algumas pessoas está relacionado com a herança histórico-social provenientes da modernização. Podemos dizer que as mudanças provocadas na produção artística, principalmente nas manifestações culturais produzem efeitos que influenciam a construção da identidade nordestina. Sem esquecer a importância do cenário político, este também influencia direta e indiretamente no desenvolvimento e no processo dos festivais de inverno.

Por isso, é fundamental compreendermos as mudanças que ocorreram no processo de globalização a partir das inovações tecnológicas, impulsionando o desenvolvimento da sociedade. Os Festivais de Inverno em Campina Grande-PB funciona inclusive para impedir que ele se dissolva. Para Eneida Maracajá³, os Festivais servem como um processo de aprendizagem, reapropriação do conhecimento, na medida em que as sociedades se modernizam.

² ARANTES, Antonio Augusto. O que é Cultura Popular. São Paulo: Brasiliense, 1990.

³ Professora Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, com dissertação defendida sobre o Teatro na Educação Popular, Eneida Agra Maracajá é uma das mais respeitadas promotoras culturais do país e dirigiu o Teatro Municipal por 12 anos, quando também criou o I Fenate (1974), evento cultural precursor do Festival de Inverno de Campina Grande, que em 2008 completou 33 anos. Além de professora de História da Arte, Eneida é representante da Rede Brasil na Paraíba, membro do Conselho Brasileiro de Dança e do Conselho Internacional de Folclore da Paraíba. É professora-fundadora do Projeto Cultura no Presídio, uma iniciativa que oferece aos detentos do Presídio do Serrotão a oportunidade de desenvolvimento da cidadania através

Eneida Maracajá como outros percussores de alguns eventos culturais, não atingem em proporção adequada as classes menos favorecidas. As pessoas moradoras da periferia não participam ativamente desses eventos, mas também temos que agregar as formas de construções que o município de Campina Grande-PB, em seus aspectos culturais e sociais construiu através dos tempos.

Por isso, a tradição aparece para suportar as mudanças sociais, pois nenhuma sociedade muda radicalmente, sendo que, cada fase de mudanças possui também uma estabilidade. É nesse processo que se abre a discussão acerca da possibilidade de alternativas em busca de mudanças sociais. Além disso, é necessário compreendermos que o folclore, definido como conhecimento fragmentado, passa a integrar um todo coerente a ser mediatizado pela atividade intelectual.

O objeto desse estudo são os Festivais de Inverno no município de Campina Grande-PB. Na perspectiva de investigar os elementos da cultura popular presentes nesses festivais ao longo de sua trajetória até os dias atuais. Para isso, tomamos como referência os estudos de Bosi (2004), Laraia (2003), Dinoá (1993), Maturana (2003), Napolitano (2004), Ortiz (2004), dentre outros.

A escolha desse tema se deu principalmente pela necessidade de se realizar um trabalho de cunho sócio-cultural, na tentativa de contribuir de alguma maneira para refletir sobre a importância da cultura de um povo.

Vale ressaltar ainda que, o interesse por este tema não ocorreu de forma aleatória. Enquanto aluna do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba, tivemos a oportunidade de estudar a temática voltada a cultura do nordeste, além dos carnavais antigos, as músicas antigas da década de 20 a 50, o cordel em sala de aula, a

das habilidades artísticas. Também inovou a Micarande com a criação do tradicional Bloco da Saudade, uma agremiação que resgata a cultura popular e os festejos carnavalescos brasileiros. Através do Festival de Inverno, da qual é criadora e coordenadora, implementou projetos na comunidade a exemplo do Circo da Cultura e do Pólo de Extensão, que alcançou oito cidades paraibanas levando arte e cultura. Uma de suas mais importantes ações foi o resgate do Cine São José, junto ao Governo do Estado, para transformação em um teatro e escola para crianças e adolescentes em situação de risco.

influência da música de Luiz Gonzaga, do xaxado e do baião, e assim, decidimos continuar pesquisando sobre as manifestações culturais presentes nos Festivais de Inverno neste município.

Na realidade, essa pesquisa teve início nas disciplinas de História Moderna, História do Nordeste e Metodologia do Ensino de História. Assim, por considerarmos de suma importância seguir os estudos culturais enveredando pela trajetória dos Festivais de Inverno, a fim de elaborarmos uma monografia para a conclusão do referido curso.

Sendo assim, por entendermos que, o Festival de Inverno traz uma contribuição valorosa para o desenvolvimento histórico e cultural no município, contribuindo sobremaneira para a descoberta de novos talentos na região proporcionando lazer, saber e cultura. Sendo um meio de provocar a sensibilidade popular. Dessa forma, revela seu caráter singular e tudo que o diferencia no atual cenário artístico brasileiro.

Neste contexto, podemos dizer que a década de 1970 em Campina Grande-PB, marcou certo grau de desenvolvimento artístico-cultural, de forma mais expressiva em suas diferentes formas de expressão cultural e artística devido a realização do I FENAT. Por conseguinte, em pouco tempo, vem se juntar a essas manifestações o Festival de Inverno, as rodas de violas, os concursos musicais, sempre contando com a participação de um elenco variado nestes espetáculos.

Por isso, os estudos de Bosi (2004, p.13) acerca da arte, sugerem que ao focalizar esse evento sociocultural, percebemos a oportunidade de apreendermos novas experiências que fazem parte da cultura brasileira distintamente. E assim, os artistas ao transformar a arte enquanto fazer humano se constitui em um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, modificando o conteúdo oferecido pela natureza da própria cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística. Para Platão exerce a arte tanto o músico encordoando a sua lira quanto o político manejando os cordéis do poder ou, no

topo da escada de valores, o filósofo que desmascara a retórica sutil do sofista e purga os conceitos de toda ganga de opinião e erro para atingir a contemplação das Idéias. E assim, são capazes de criar sua própria tradição⁴ (BOSI, 2004, p.13).

Os artistas em Campina Grande⁵ no plano cultural fizeram sentir os seus “produtos artísticos”, ao seu modo. Refiro-me, aqui, à produção artística elaborada pelos próprios artistas, como o teatro, os cordéis, as poesias e as músicas. Em decorrência do próprio caráter coletivo da criação as dezenas de peças que já foram encenadas convocavam o público a debater a realidade por todos vivida. Essas peças, que incluíam números de dança e de música, eram, em geral, curtas e simples: mostravam algumas cenas da vida cotidiana.

Desse modo, as relações culturais, no seu sentido mais amplo estão presentes não apenas no teatro, mas também nos festivais de música. Acreditamos que na produção de arte não apenas há a presença da emoção, mas também da racionalidade. Maturana afirma que “pertencemos, no entanto, a uma cultura que dá ao racional uma validade transcendente e ao que provém de nossas emoções, um caráter arbitrário⁶” (MATURANA, 2002, p.52).g

Por isso, a cultura marca fortemente os elementos teatrais devido também aos costumes, crenças e ideais presentes em cada povo. Sendo uma maneira de o homem se encontrar como ser humano, possuidor de racionalidade e emoção que são características que o distingue dos outros animais. O homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura.

Não resta dúvida que grande parte dos padrões culturais de um dado sistema não foi criada por um processo autóctone, foram copiados de outros sistemas culturais. Por isso, esses

⁴ BOSI, Alfredo Reflexões sobre a arte São Paulo: Ática, 2004.

⁵ O município de Campina Grande possui uma área de 970 km². A cidade situa-se à uma altitude de aproximadamente 550 metros acima do nível do mar, na região oriental do Planalto da Borborema, distante 130 km da capital do Estado, João Pessoa

⁶ MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. 4 Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

empréstimos culturais a antropologia denomina difusão cultural. O erro é subestimar a importância dessa difusão. Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade acabariam preferindo os seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores do que todos os outros.

Entendemos que o comportamento de algumas pessoas está relacionado com determinantes histórico-sociais provenientes da modernização. Os estudos de Ortiz (2003) acerca da cultura popular enquanto folclore recupera invariavelmente a idéia de tradição, seja na forma de tradição sobrevivência ou na perspectiva de memória coletiva que age dinamicamente no mundo da práxis.

Assim, a ênfase dada ao caráter tradicional da cultura implica, na maioria das vezes, uma posição conservadora diante da ordem estabelecida. Nesse sentido, a pesquisa nos possibilita obter uma visão mais ampla a respeito dessas questões ambíguas e complexas que atualmente vem se apresentando em relação aos Festivais de Inverno em Campina Grande-PB.

Sendo assim, para compreendermos o tema apresentado neste trabalho, dividimos o mesmo em dois capítulos. No primeiro capítulo intitulado “O Nascimento dos Festivais de Inverno”, apresentamos a concepção dos Festivais de Inverno em 1976. Além disso, abordamos alguns discursos proferidos na época que ajudaram a construir um conjunto de imagens sobre as dificuldades enfrentadas para continuidade dos Festivais em Campina Grande-PB.

Nesse sentido, podemos afirmar que os desdobramentos da História Cultural, voltada ao diálogo com a Antropologia, com a Crítica Literária, com a História da Arte e a Crítica Cultural, nos possibilitam entrar em contato com documentos não apenas escritos, mas também sonoros e iconográficos. Assim, ao sair dos lugares de aconchego, podemos perceber a história dos homens, por quaisquer meios, em qualquer lugar onde puder ser encontrada. Para os que ouviram o apelo

de Bloch e Febvre, o texto ganha contornos mais amplos, incluindo toda a produção material e imaterial.

Pensar a história dos Festivais de Inverno em Campina Grande-PB, no sentido de recuperar o trajeto percorrido para permanência dos Festivais, bem como identificar os novos modelos artísticos incorporados aos já existentes. É necessário refletir a questão sobre a expansão dos festivais ao longo dos anos. Além disso, analisaremos as transformações percorridas procurando perceber os problemas decorrentes da produção artística em virtude das questões políticas locais.

No segundo capítulo, “Uma nova roupagem da tradição nos Festivais de Inverno” enfatizamos o surgimento de uma nova forma de apresentar as manifestações culturais neste evento, pela necessidade de promover o espetáculo. Sendo assim, arte e cultura são influenciadas pelas mudanças na sociedade.

A história cultural tem despertado o interesse de diversas áreas de conhecimento, principalmente no que se refere à produção crescente de novas formas de manifestações culturais desenvolvidas pelas sociedades atuais, que são frutos da globalização, que resultou na cultura da mídia, alimentada pela produção, em especial de vários estilos artístico-cultural.

Portanto, o Festival de Inverno se configura enquanto um caminho viável para a pesquisa histórica, uma vez que possibilita percebermos a partir dos aspectos históricos culturais, a construção de novos modelos de comportamentos na sociedade. Enfim apresentaremos as considerações finais e as referências utilizadas nesta pesquisa.

Festival de Inverno Campina Grande

CAPÍTULO I

O NASCIMENTO DOS FESTIVAIS DE INVERNO

*O conhecimento do passado, em todos os tempos,
só é desejável quando está a serviço do presente.
Quando ele desenruiza os germes fecundos do
futuro.*

Nietzsche.

Neste primeiro capítulo em especial, reporto-me aos Festivais de Inverno na cidade de Campina Grande-PB, o objetivo é mostrar a concepção do I Festival de Inverno em 1976 a partir da participação efetiva de Evaldo Cruz então prefeito de Campina Grande nesta época, dos grêmios literários, do laboratório Infantil da FACMA - Laboratório de Arte Infantil. Desse modo, participaram desse evento a Cia. de Dança, Ana Estelita Cruz e Os Tropeiros da Borborema. Nesse sentido, buscamos entender alguns caminhos por meio dos quais se produziu no âmbito da cultura, os Festivais campinenses, além de compreendermos as mudanças que ocorreram no processo de produção artístico-cultural a partir da década de 1970 neste município. A escolha desse evento se deve principalmente pela necessidade de se realizar uma investigação na tentativa de contribuir de alguma maneira para construção de novos conhecimentos.

A questão da cultura popular é termo complexo dado as muitas definições e ambigüidades existentes. Tomando como base a definição nos dicionários como o de Língua Portuguesa, encontramos primeiramente a idéia de cultura ligada a povo enquanto totalidade de um território ou de uma região. A Cultura popular seria então um conjunto de práticas culturais levadas a cabo pelos extratos inferiores, pelas camadas mais baixas de uma determinada sociedade.

Para Peter Burke, o termo cultura denota uma ampliação do conceito, uma vez que,

O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música (...) hoje, contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo "cultura" muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante (Burke, 1989, p 25).

O conceito de cultura enfatizado por Burke é possível perceber nessa conceituação uma tendência culturalista, opondo-se a cultura enquanto natureza, ou seja, todos os povos possuem cultura. Nesse sentido, se coloca a questão do relativismo cultural, ou em outras palavras: as

culturas são únicas e não existem culturas melhores ou piores, isto é, passíveis de serem comparadas valorativamente.

A abrangência do conceito de cultura proporciona dois inconvenientes primeiro porque apesar de ter produzido uma equivalência entre as culturas, ela não conseguiu dar conta das desigualdades entre elas, ou de como as diferenças se transformaram em desigualdade. Segundo, na medida em que pensam todos os fazeres humanos como cultura, ela não dá conta da hierarquização desses fazeres e o peso distintivo que possuem dentro de uma determinada formação social (Canclini, 1983, p.28).

Produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido. Assim no que se refere aos conceitos de cultura, Canclini se opõe as conceituações de inclinação idealista, que a vê apenas como ligada ao campo das crenças, dos valores e das idéias. Canclini afirma que sua proposição de conceituação de cultura não se encaminha no sentido de identificar o cultural com o ideal, nem o de material com social, nem sequer imagina a possibilidade de analisar esses níveis de maneira separada.

Dessa forma, o I Festival Nacional de Teatro – I FENAT⁷, (Festival Nacional de Teatro Amador), realizado em 1974, foi, sem dúvida, o momento cultural de Campina Grande. Nesse sentido, foi à época de revelação dos talentos, despertaram vocações, conquistou um público, abriu espaços à crítica, ao debate, e elevou a cidade no panorama cultural do país. E fez surgir uma nova mentalidade na cidade. A cidade do trabalho passou a ser conhecida como cidade cultural. Esse panorama cultural não atinge os aspectos sociais nas camadas sociais mais baixas de 1974, em Campina Grande, por conta de fatores educacionais que a população viva.

⁷ FENAT- Festival Nacional Amador de Teatro

Esse acontecimento mudaria de modo radical a história da cultura desta cidade, que já tivera um grande impulso a partir de 1963, a partir da inauguração do Teatro Municipal Severino Cabral. O FENAT-Festival nacional de Arte, vai possibilitar a realização do I Festival de Inverno de Campina Grande englobando diversas modalidades artísticas. Mesmo com a inauguração do Teatro Municipal Severino Cabral em 1963, o acesso aos meios artístico-culturais não atingem todas as classes sociais, mas alimentam as rachaduras sociais.

Pensar nos Festivais de Inverno remete-nos a construção em 1963 do Teatro Severino Cabral, uma obra marcante na vida cultural de Campina Grande e de toda a Paraíba. Esta casa de espetáculos tem uma tradição que se confunde com o patrimônio mais significativo do espírito campinense: o seu poder criador, e sua força inventiva, a sua capacidade de grandeza.

A memória do então prefeito Severino Cabral, patrono do Teatro é um exemplo dessa singularidade de Campina. Na pureza dos seus traços rudes, construiu uma legenda que, ainda hoje, o povo cultiva com apreço e respeito, exatamente por ter conseguido desafiar a natureza da sua formação e conquistar, com o poder da intuição, o conceito de uma liderança nascida da vontade de ver crescer o desenvolvimento cultural da cidade. Assim, o Teatro Municipal “Severino Cabral” foi construído pelo prefeito Severino Bezerra Cabral, que lhe deu o nome.

Não podemos esquecer seus primeiros diretores: os professores Wilson Maux e Ruth Almeida. Durante todos esses anos, o Teatro Municipal tem sido palco de grandes acontecimentos artístico-culturais. Por ele já passaram nomes da mais alta representatividade na cultura nacional e internacional. Foi realizada sua primeira etapa de restauração, em 1975, na administração do prefeito Evaldo Cavalcanti Cruz. Apesar de haver sido inaugurado há 45 anos, o Teatro Municipal jamais teve toda a sua estrutura física concluída, dado o grande porte do conjunto projetado. Somente em 1986, na administração do Governador Milton Cabral, foi iniciado, em caráter definitivo, tanto a sua restauração, como a execução das etapas até então

configuradas em arcabouço. A conclusão dessas obras verificou-se na administração do governador Tarcisio de Miranda Burity.

O Teatro Municipal é órgão vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do Município de Campina Grande, mas desde o ano de 1974 destacou-se entre os poucos teatros brasileiros que desenvolveram um calendário próprio de atividades culturais, a exemplo do Festival de Inverno de Campina Grande, que vem sendo realizado, ininterruptamente, há 34 anos e é conceituado como um dos mais importantes do país. Além dessa promoção, realizava a Semana de Teatro Nordestino e o Festival Colegial. Podemos acrescentar que o ano de 1987 foi criado o programa de extensão cultural, isto é, o Circuito da Cultura, visando à descentralização das suas atividades culturais. Atualmente a sua diretora é Alana Fernandes. Além disso, o teatro Municipal tem a sua estrutura física ou forma volumétrica inspirada num “apito” ou “flauta”, projeto de autoria do arquiteto Geraldino Pereira Duda, inovador para a época.

É interessante destacar que a partir do Festival de Teatro Nacional amador deu o início aos Festivais de Inverno, tendo como objetivo refletir a cidadania. Além disso, estes festivais proporcionaram o intercâmbio cultural, uma vez que o caráter pedagógico evidenciado pelos cursos oferecidos em todas as áreas oportuniza a discussão acerca da linguagem artística; a construção do diálogo público sobre as manifestações artísticas trazendo a arte nacional e internacional como um dos pontos positivos. É evidente que os Festivais de Inverno ao longo dos anos vêm aperfeiçoando e inovando cada vez mais o número de atividades e projetos realizados de cunho social e cultural. Estes ao decorrer dos anos e processos artísticos em Campina Grande ainda têm que se aprimorar com a velocidade das mudanças que ocorreram na sociedade campinense.

Conforme as mudanças ocorridas na sociedade, a cultura passou a ser encarada em sua totalidade, por isso muitos de seus aspectos essenciais só poderiam ser sentidos em temporalidades muito longas.

Ao buscarmos construir uma historiografia dos Festivais em Campina Grande levando em conta as fontes diretas e indiretas, é necessário investigar além da mera aparência do fenômeno cultural. Neste contexto, o estudo histórico possibilita compreendermos as formas de culturas mais permanentes. Realizado desde 1976, o Festival de Inverno de Campina Grande é considerado pela FUNARTE - Fundação Nacional de Artes, como um dos cinco melhores Festivais de Arte do país. Idealizado pela ativista cultural e professora Eneida Agra Maracajá, o festival tem o objetivo de trazer para as classes populares espetáculos de grande porte por preços acessíveis além de oficinas destinadas a capacitar os artistas e interessados, no sentido de que cada vez mais a arte faça parte da vida do paraibano.

Por ocasião do II Festival de Inverno no governo de Enivaldo Ribeiro, ocorreu também o II Encontro de Corais nordestinos de 08 a 10 de julho de 1977. O Teatro Municipal Severino Bezerra Cabral promoveu a supervisão através do EMDEB - Empresa de Desenvolvimento Cultural da Borborema.

Historicamente, a década de 1970 marca o início da abertura política e novas formas de expressão foram possíveis desenvolver, como o surgimento do movimento punk na periferia das grandes cidades e o aparecimento de músicos independentes que propunha uma nova roupagem estética para o Movimento Popular Brasileiro. Portanto, para a cultura do país ⁸.

Eneida Agra afirma: “como campinense que sou sempre tive idéias muito claras sobre Campina Grande. E a todo tempo, achei que esta cidade deve ser pensada culturalmente”. Assim, os Festivais de Inverno e os projetos culturais segundo sua idealizadora,

⁸ NAPOLITANO, Marcos O regime militar brasileiro: 1964-1985. São Paulo: Atual, 2008.

não podem morrer. Esta festa é do povo e para o povo. Campina não é mais vista como pólo comercial, mas como centro irradiador de experiência e intercâmbio cultural. A iniciativa do intercâmbio entre as regiões, dos espetáculos, dos cursos e oficinas e o contato com mestres de suas respectivas áreas artísticas, promoveram o amadurecimento dos participantes. Podemos considerar que a importância deste Festival repercutiu nacionalmente, provocando a cada ano uma verdadeira avalanche de pedidos de inscrições, proporcionando a oportunidade de Campina Grande figurar no calendário cultural do Brasil⁹.

Diante deste discurso de duas décadas para cá a influência política é muito pertinente no investimento dos festivais, percebemos que, através da valorização da arte e da cultura artística pretendia-se mostrar que a expressão cultural em Campina Grande. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a promotora destes eventos procura estabelecer os eventos culturais na cidade, retorna também os seus espaços da saudade. Estes se constituem como territórios pessoais, haja vista, que este sentimento é construído somente por aqueles que percebem perdendo os pedaços de seu ser, de tudo aquilo que construiu para si. De fato os espaços da saudade de Eneida Agra também alcança a dimensão de um coletivo, que pode atingir a comunidade que perdeu suas referências que seja de uma época, ou seja, de um tempo que ficou para trás. Talvez represente a saudade de uma classe que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpido no espaço ser tragados pelas forças dos elementos da modernidade.

Assim, o IV Festival de Inverno em Campina Grande-PB foi marcado por mostra de música, de Canto coral, de dança, de arte popular e teatro em julho/1979. O palco do Teatro Municipal promoveu durante este evento o V Encontro das Escolas de Dança. O evento ocorreu entre os dias 15/16/17/07/1979.

Os Festivais de Inverno que surge na paisagem imaginária de Campina Grande, na década de 70, promove a cultura fundamentada na saudade e na tradição. Desse modo, a produção deste

⁹ Entrevista concedida a autora Josélia Ferreira de Oliveira em 05/05/2008.

evento enfatiza a permanência de uma cultura baseada no folclore, principalmente porque sua fundação se deu sob o signo da saudade, da tradição.

Os espetáculos teatrais, musicais e de dança durante os Festivais de Inverno apresentados em Praça Pública é uma forma de registro da história no campo da cultura, desperta a necessidade de inventar uma tradição. Inventando tradições tenta se estabelecer buscando conciliar a nova territorialidade com antigos territórios sociais e existenciais. A manutenção de tradições é, na realidade, sua invenção para novos fins, ou seja, a garantia da perpetuação de privilégios e lugares sociais ameaçados. Contudo, determinados posicionamentos políticos, as vezes, atropelam alguns pontos no percurso dos festivais neste município.

Em 1985 foi realizado o X Festival de Inverno e, por conseguinte a XI Mostra Nacional do Teatro Amador Brasileiro. Segundo Maria de Lourdes Nunes Ramalho:

a arte é uma das manifestações mais íntima e poderosa, é o exacerbado dos mais altos planos de sensibilidade que ao homem é dado experimentar, um lampejo que surgindo das camadas mais profundas do ser, materializa-se no espaço e vai atingir lonjuras infinitas, que apenas em espírito podemos vislumbrar.¹⁰

Entendemos que a arte, como forma superior de expressão humana é plena e livre, processo vivo, ativo e dinâmico, pois representa a consciência da criatura, e, é essa consciência que pesa no mundo, dando-lhe o sentido do bem e do mal, do belo e da liberdade, além da responsabilidade, condições indispensáveis a vida do homem dentro de seu próprio universo. Na realidade a arte é tão necessária a vida quanto a ciência.

O Festival de Inverno representa a expressão da arte e da cultura em suas várias dimensões e no ano de 1989, as apresentações se destacaram através das peças teatrais, da dança e da música. Vai se operar nestes discursos a decodificação fácil e imediata da imagem daquela que mantêm a tranqüilidade e a certeza da continuidade do evento sem rupturas, um discurso que

¹⁰ Cf. Discurso de abertura do X Festival de Inverno em Campina Grande-PB, julho /1985.

opera por analogias assegurando a sobrevivência de um passado que se vê condenado pela história.

Entendemos que a perda de um processo pelo qual este indivíduo toma consciência da necessidade de construir algo que está se acabando, um lugar criado de lirismo e saudade. Retrato fantasioso de um lugar que não existe mais, uma fábula espacial. Não é à toa que a pretensa tradição nordestina é sempre buscada em fragmentos de um passado rural e pré-capitalista, uma verdadeira idealização do popular, da experiência folclórica, da produção artesanal, tidas sempre como mais próximas da verdade da terra.

O XIV Festival de Inverno em julho 1989 realizou a XIV Mostra de Música Brasileira. Além disso, apresentou a XV Mostra Nacional de Teatro Amador ocorreu entre os dias 20 a 31 de julho de 1989. O discurso emocionado de Eneida Agra Maracajá nesta data deixa claro para a platéia do teatro Severino Cabral que a arte é o vinho espiritual que alimenta a humanidade. Para a geradora destes Festivais os elementos como: ribalta, luzes, cenários, atores e atrizes, música, poesia é Festa e assim, nesse momento encontra-se com o povo. A realização deste Festival para seus organizadores faz desabrochar no coração de cada um a certeza de outros dias, que serão outros Festivais com a vocação de não perecer pelo amor inerente à Arte.

Percebemos que existe no coração de Eneida uma necessidade vital para que esses festivais não fiquem no esquecimento, mas que permaneça vivo no sentido de continuidade. Em 1989 o Festival de Inverno inovou apresentou o VIII Ciclo de Dança Norte e Nordeste que aconteceu descentralizando. A descentralização do Festival de Inverno através da extensão cultural para as cidades de Areia-PB; Esperança - PB; e Alagoa Nova, representou uma proposta de popularização e divulgação da dança no Estado da Paraíba.

Outro aspecto pertinente não só na administração de Eneida como em outras, é a questão do nepotismo nas relações interiores dos festivais, primando interesses pessoais e políticos,

chegando em algumas percepções a “politicagens” utilizando a cultura e sociedade, estes elementos úteis para certas demagogias no universo político de Campina Grande-PB.

Vale destacar ainda que, Hermano José¹¹ inova em 1989 apresentando a peça: “Um gesto por outro”. É uma encenação que pretendeu despertar a reflexão sobre os estereótipos, os preconceitos populares, além dos conhecimentos produzidos e das informações em torno do outro. Usa-se, sobretudo o recurso da memória individual ou coletiva, como aquela que assegura a sobrevivência de uma cultura preconceituosa.

UM GESTO POR OUTRO, o teatro do absurdo goza de uma posição especial, como experimentados da relatividade da linguagem e do comportamento social. O clima do absurdo permite sob a aparência incoerente do riso fácil, a reflexão sobre como não teria importância se muitos dos nossos hábitos fossem invertidos, e que, portanto, não faz sentido que se atormentem as pessoas por não adotar posturas padronizadas. A relatividade da moral remete-nos ao seguinte raciocínio. Toda pressão é feita contra pessoas e grupos (artistas, por seu modo de vida) considerados excêntrico, não passa de puro preconceito, irracional e ridículo, como todo preconceito é¹².

O discurso de Hermano José, por ocasião do XIV Festival de Inverno em 1989 em relação a peça teatral: UM GESTO POR OUTRO, uma adaptação da obra de Jean Tardieu. É o momento em que o Brasil estabelece a abertura política no país. Período de eleição para presidência da República direta. Essa peça provoca debates e críticas acerca do direito de ser diferente, uma vez que os hábitos sociais, apesar de variarem de cultura para cultura, demonstrando assim que nem sempre são frutos de alguma imperiosa necessidade humana, podem ser, no entanto, quando o normal é contrariado, é motivo de sérias sanções individuais.

Contudo, apesar dos brasileiros apresentarem um discurso contra o preconceito ou o racismo, na prática tudo não passa de mera falácia. Os brasileiros são preconceituosos e determinam modelos de vida que outros devem adotar como sendo adequados para todos. Vivemos num país de diversidades, de crenças, de culturas e, portanto de uma variedade de

¹¹ Hermano José, ator, ex- diretor do Teatro Municipal Severino Cabral, ex-coordenador dos Festivais de Inverno em C.Grande-PB.

¹² Folder informativo do Festival de Inverno em julho/1989.

comportamentos. Por isso, precisamos aceitar as diferenças individuais e assim promover a inclusão social.

O XV Festival ocorreu em 1990 entre os dias 13-17/1990. XII Encontro Nacional de Dança. Em 1991 O XVI Festival de Inverno e a XVI Mostra de Música de Campina Grande-PB. Encontro Nacional de Dança. Participou o Cisne Negro Cia. de Dança – “Bailantas”. O XVI Festival de Inverno um dos acontecimentos artístico-cultural do Estado da Paraíba, é uma festa que atrai personalidades da vida cultural do país e atravessa as fronteiras do exterior, neste ano foi dividido em três etapas: Dança, Música e Teatro, envolvendo como pólo de extensão, as cidades de Areia - PB; Bananeiras - PB e Boqueirão-PB, tendo seu ponto máximo no teatro Severino Cabral.

O balanço que Eneida Agra faz sobre os Festivais na oportunidade deste evento se refere ao fato das inúmeras fases de dificuldades financeiras com que os festivais para serem realizados enfrentam a cada ano. No entanto, para Eneida, pelo que significa para a cidade e para o Estado, nunca deixou de receber o apoio dos poderes públicos e da iniciativa privada. Esta festa que acontece anualmente projeta o nome da cidade, nacional e internacionalmente, não mais como pólo comercial, mas como centro irradiador de experiência e intercâmbio cultural.

A importância da arte e da cultura teatral é uma história que se confunde com a história da humanidade, pois a arte advém das situações vividas pelo ser humano que seja, por religiosidade, entretenimento, ou simplesmente pela pura expressão artística¹³.

Entendemos que a arte de representar papéis acompanha as mudanças da época. Passam os séculos e os homens ali estão vivendo, sobrevivendo e exortando, através da arte, a sua relação interpessoal, seu passado, seu futuro, seus medos, seus ideais, suas angústias, frustrações, suas vontades e desejos.

¹³ BOSI, Alfredo Reflexões sobre a arte. São Paulo: Ática, 2004

O Teatro Severino Cabral tem sido um cenário de espetáculo que ao longo dos anos marcou a história cultural de Campina Grande. Enfim, é uma casa de espetáculos que tradicionalmente se confunde como um dos patrimônios materiais mais significativos para o povo campinense.

Para Eneida,

O Festival de Inverno faz do teatro um meio de provocar a reflexão sobre os problemas políticos do país e dá novo ânimo à produção artística com compromisso social. O espetáculo foi construído a fim de definir os contornos da arte e da cultura em Campina Grande. Isso revela o essencial do trabalho dos Festivais de Inverno, aquilo que o diferencia no atual cenário do teatro nacional¹⁴.

Na realidade, a expressão artística apresentada nos Festivais de Inverno, contribui para a construção de novos conhecimentos e o desenvolvimento da formação global dos indivíduos. Nesse sentido, viabilizar a produção da arte significa incorporar os eixos norteadores da cultura como um todo, por isso, a construção desse conhecimento envolve as manifestações artísticas. A cultura marca fortemente os elementos de uma sociedade devido aos costumes, crenças e ideais presentes em cada povo.

O Festival de Inverno em Campina Grande é um momento de expressão da arte. Nesse sentido, é um espetáculo cultural e assim, envolve a participação de vários artistas, como: o palhaço, o ator, o dançarino e o comediante, fazem parte dessas manifestações culturais e expressão da arte num único espaço.

Reiterando, Eneida Agra Maracajá, como criadora e animadora dos Festivais de Inverno desde 1976 em Campina Grande, dá o início a um capítulo na história da cultura paraibana, passa a produzir determinadas práticas e discursos que findam por constituir-se uma estratégia bem definida para transformar os Festivais de Inverno em um dos acontecimentos artístico-culturais do Estado uma festa de renome a fim de atrair personalidades ao cenário cultural campinense.

¹⁴ Folder informativo do Festival de Inverno em 1989

Estratégia esta que resulta na perpetuação do seu nome. E para tanto, Eneida, ao longo de sua atuação no Teatro Municipal Severino Cabral continuou batalhando pela institucionalização do evento até a oficialização deste em 1991.

Neste sentido, Eneida efetivamente se constituiu na figura daquela que luta pela perpetuação de uma tradição cultural. A protetora da cultura na cidade-rainha da Borborema, pois pelo amor à Arte e à cultura não descuidaria um só minuto de sua vida. Assim, esse interesse pela arte é a possibilidade de trabalhar com afinco para conservar a tradição na cidade. E assim, a permanência dos Festivais e os projetos culturais desenvolvidos por Eneida e sua filha Myrna Maracajá, apresentando ao longo dos anos um novo projeto de cunho pedagógico, coloca o nome da família como mediadora da arte e da cultura na cidade tendo seus nomes reconhecidos pela sociedade. Assim, Eneida deixa transparecer que, por amor à cultura e a Campina, desenvolveu projetos na comunidade a exemplo do Circo da Cultura e do Pólo de Extensão da cultura além do projeto: Cultura no Presídio com o intuito de promover a construção da cidadania. Esta é uma forma de deixar mais flexível a sociedade, mas é só uma gota no oceano campinense onde o eixo político permanece dualístico com “uniformidade política”.

Conforme Josemar Alves, teatrólogo, afirma: o teatro e o circo são inerentes à história do teatro, mas que se confunde com a história da humanidade, e assim o Festival de Inverno constitui-se naquele que envolve a arte teatral, além disso, os espetáculos reforçam o culto à religiosidade, produz também o entretenimento para o público que prestigia a cultura e a arte em sua expressão artística. A arte de se representar acompanha essa evolução. Ao longo dos séculos os homens estão vivendo e sobrevivendo pelo viés da arte, e desenvolvendo uma relação interpessoal com o passado.

Por conseguinte, Eneida Agra Maracajá, enquanto coordenadora dos Festivais não perde a oportunidade de se utilizar da bandeira da escassez dos recursos financeiros para a cultura e,

assim continuar rastreando patrocinadores para a cultura. Para ela, é urgente a reformulação e implantação de uma nova política de tratamento do serviço cultural¹⁵.

Sem dúvida, à medida que ocorrem as mudanças em outros centros artísticos do país, Campina Grande-PB, também busca através dos projetos culturais fazer parte dessa nova instrumentalização da arte. A partir de então, multiplicaram-se pelo país grupos para evitar que esta arte desapareça dentre eles: Irmãos Brother, Intrépida Trupe, Teatro dos Anônimos (Rio de Janeiro), a Carroça dos Mamelungos (Ceará), Nau de Ícaros, Irmãos Fratelli, Circo Escola Picadeiro (São Paulo). E na Paraíba não foi diferente, destacou-se: a Agitada Gang (Paraíba), Grupo de Teatro Heureka parceiro do SESI-Serviço social da Paraíba, entre outros. Além de trazer de volta uma tradição cultural e artística genuinamente popular, as escolas de circo no Brasil têm cumprido uma função importante com projetos voltados à profissionalização e integração social de crianças e adolescentes carentes, tirando-os das ruas e devolvendo-lhes a cidadania, mas tem muito o que fazer com relação a esse eixo de interação entre a cultura e a sociedade campinense.

É fundamental compreendermos que somente poderíamos efetivamente desenvolver projetos artístico-culturais a partir de uma política amparada na própria cultura. Entretanto, sem descanso Eneida Agra, continua investindo na idéia da promoção da arte e da cultura. Não podemos esquecer que 1991 iniciou-se uma nova fase dos Festivais de Inverno em C. Grande-PB. Sem dúvida mais um sonho de Eneida é realizado no sentido de garantir a subsistência do certame. Assim, como ela, no início, encontrou o apoio do prefeito Evaldo Cavalcanti Cruz, que acatou a sua idéia em 1974, para a realização do I FENAT, ampliando para o Festival de Inverno em 1976. Em 1991 o então prefeito Cássio C. Lima dá o apoio financeiro para a continuidade do evento.

¹⁵ Folder do festival de Inverno ano 1991.

E assim, Cássio Rodrigues Cunha Lima por ocasião deste evento afirmou, “a ousadia de nossa gente não tem limites. O Festival de Inverno não é apenas um evento nacional criado pelos campinenses, é, sobretudo, a mais legítima expressão do comprometimento de Campina Grande com a cultura.”

E na oportunidade do XVI Festival de Inverno em 1991, Cássio Rodrigues Cunha Lima oficializa o evento, e assim, a institucionalização do Festival em Campina Grande, prometida, é realizada na abertura deste Festival. É o momento de promoção do prefeito Cássio Cunha Lima, ele perpetuou o evento, perpetuando também o seu próprio nome na história da vida cultural da Paraíba. O ato do jovem prefeito, Evaldo Cavalcanti Cruz por ocasião do início dos festivais e do XIII Encontro Nacional de Dança, veio trazer tranquilidade aos seus realizadores, tem agora a sua existência garantida. Constatamos que, a importância que teve o nome do prefeito Evaldo Cavalcanti Cruz, para que o Festival de Inverno fosse realizado pela primeira vez, em 1976, em 1991, Cássio Rodrigues Cunha Lima, efetivamente consagra a possibilidade de sua continuidade desde então.

O XVII Festival de Inverno de Campina Grande, inclusive a XVIII Mostra Nacional de Teatro ocorreram em 22 a 28/07/1992. A Mostra Nacional de Teatro nasceu com o I FENAT-Festival Nacional de Teatro, em 1974. Vale ressaltar que em 1975 houve o I Festival Regional de Federação Nacional de Teatro Amador. Em 1976, o Festival de Inverno de Campina Grande-PB, juntamente a XVII Mostra de Música tem a intenção de concretizar seu perfil didático ao ampliar seus cursos a exemplo o curso de iniciação musical.

Por conseguinte em 1993, o prefeito Felix Araújo Filho comemora os 30 anos dos Festivais e assim diz:

As crianças de 1963 fazem parte, hoje, da geração que comanda os destinos da cidade. Há nisso tudo uma magia incrível. O tempo parece brincar com o roteiro das vidas, determinando, ao sabor de suas conveniências, o ritmo das horas. Ora segundo, ora

minutos. Lá se vão 30 anos. Longos e rápidos. Aquela época Campina Grande já vivia os dias geniais de sua arte e era, em verdade, senhora dos seus atos. Faltava-lhe, portanto, o espaço ideal para que a sua verve encontrasse a guarida necessária¹⁶.

Felix Araújo então prefeito de Campina Grande, neste momento engrandece o nome do ex-prefeito Severino Cabral, como aquele que foi um homem de visão progressista, apesar de ter sido analfabeto, no entanto, construiu o Teatro Municipal. E assim, indiretamente destaca o prestígio ao nome de Eneida, ao mesmo tempo o de Feliz Araújo que deu continuidade aos Festivais mesmo diante de todas as adversidades inclusive as políticas.

O XVIII Festival Colegial ocorreu entre os dias de 20 a 31 de maio de 1994. Participaram desse evento as escolas Petrônio Figueiredo Gadelha; Escola Estadual de 1º Grau Felix Araújo; Instituto Santo Antonio; CPUC- Colégio Universitário Campinense; FUNDAR-Fundação Nacional da Arte; Colégio PIO XI. Centro Cultural; Escola Cinecista “Roberto Simonsen”; Colégio 11 de Outubro; Escola Técnica Redentorista; Escola Est. de 1º e 2º graus Dr. Hortensio de Souza Ribeiro e Cacildiva.

XIX Festival de Inverno e o XX Festival de Inverno ocorreram em 13 a 17 de julho de 1995, mantendo uma programação baseada nas manifestações artísticas culturais que apresentam ora o regionalismo ao mesmo tempo em que procura inovar através da música, da dança e do teatro. Os anos seguintes mantiveram-se as mesmas programações sem mudanças significativas.

O século XXI, por ocasião do XXVIII Festival de Inverno ocorreu de 20 a 30 de agosto de 2003, envolveu o II Congresso Paraibano de Cultura e o Encontro Nacional de Dança. Em destaque além da Cia. de Dança Carlinhos de Jesus com o espetáculo –“Isto é Brasil”. Esta mostra destacou-se pela trajetória da Dança Popular do Rio de Janeiro, enfocando a origem da

¹⁶ Folder informativo do Festival de Inverno em 1993.

dança, do samba, trazendo uma síntese da cultura africana com sua importância e influência na arte brasileira.

Podemos destacar que, neste evento passaram pelo Festival de Inverno ou nele marcaram presença importantes nomes e personalidades da história contemporânea do Estado e do Brasil, e avaliaram Eneida Agra Maracajá e os Festivais e concluíram que sem sombra de dúvidas são duas histórias que se completa como se fossem apenas uma.

Entretanto, mesmo com fatores financeiros, políticos e dos interesses pessoais, essa arena cultural através da História teve seus gladiadores e seus imperadores, estes usando a História para promover um utópico “mito político” ou mártire da cultura de Campina Grande, visando assim, um universo de múltiplas faces em um cenário de nostalgia elitista.

Portanto, desde sua estréia em 1975, Eneida Agra já contou com a participação de inúmeros nomes dentre outros, como Pascoal Carlos Magno, Ariano Suassuna, Alcione Araújo e Maria Luíza Barreto. O Festival tornou-se um dos maiores e com maior número de atrações da região nordeste. É um evento que passou por várias fases de desenvolvimento dividindo a arte, a cultura e tradição com os Festivais de música, de dança, de Ballet, de teatro amador, de estudantes. Por tudo isso, os festivais a cada ano vêm buscando inovar a fim de possibilitar as novas gerações o acesso aos novos saberes e aos bens culturais materiais e imateriais que permeiam os Festivais de Inverno, por isso, constam que a partir de 2006, os coordenadores desse espetáculo artístico adotam uma nova maneira de produzir os festivais. Dessa forma, ao introduzir temáticas para o encaminhamento dos festivais modifica a estrutura do evento, dando início a uma nova roupagem nos Festivais de Inverno em Campina Grande-PB.

XXXI Festival de Inverno de Campina Grande

CAPÍTULO II

Nordestinidade UMA NOVA ROUPAGEM DA TRADIÇÃO NOS FESTIVAIS DE Brasileira INVERNO

*O perigo ameaça tanto a existência da tradição
como os que a recebem. Em cada época é preciso
arrancar a tradição ao conformismo, que quer
apoderar-se dela.*

Walter Benjamin

Chast. Inverno

Neste capítulo, pretendemos analisar as inovações que ocorreram na programação dos Festivais de Inverno, uma vez que assumiu uma nova roupagem mesmo que mantendo a tradição nos espetáculos haja vista que desde o seu nascimento em 1976 até 2005 as apresentações artísticas permaneceram da mesma forma, no sentido de produção da arte baseada nos espetáculos de música, dança e teatro sem direcionamento de uma temática para o espetáculo. Isto é, não havia a preocupação de novas práticas inovadoras no evento, persistindo o mesmo roteiro artístico ao longo dos anos.

A precursora, Eneida Agra, mostrou alguns deslizos ao decorrer de mais 30 anos sem mudar a forma do Festival de Inverno em Campina Grande, com a globalização, o avanço tecnológico poderiam inovar as concepções e posicionamentos culturais na cidade ao longo do processo.

Talvez devido à necessidade de não deixar morrer os Festivais Eneida Agra junto a coordenação do Evento decidiram realizar a partir de uma temática específica para os eventos somente a partir de 2006, evidenciando uma nova roupagem nos Festivais, mas, mantendo a tradição da cultura brasileira. Por isso, tentarei mostrar as mudanças realizadas conseqüentemente provocadas pelos elementos da modernidade. De fato, a atualidade é marcada por debates acalorados em torno da possibilidade de estarmos ou não vivendo ainda a era moderna ou de já termos entrado numa era pós-moderna. Entendemos que estamos vivendo um momento inteiramente novo e original que exige novas teorias e políticas.

Vivemos um tempo de mudanças e transformações desde os anos 1960, uma vez que houve uma série de modificações na cultura e na sociedade de todo o mundo. Desse modo, os novos modelos culturais surgiram e desafiaram as formas estabelecidas de sociedade e cultura e produziram novas contracultura e formas alternativas de vida.

Neste texto abordo o significado político-cultural dos Festivais de música, de dança e de teatro organizados. Percebemos como características fundamentais desses Festivais a mistura de tradições culturais, a predominância do que Eric Hobsbawm designa “canções populares” que marca esta produção/criação artística.

Em 2005, o Festival de Inverno organizou várias atividades culturais e intelectuais para o público campinense. Nesse sentido, realizou o 3º Congresso de Cultura, reunindo produtores de todas as regiões do Brasil. O 1º Encontro de Dramaturgos do Nordeste, o Encontro de Diretores da Rede Brasil de Promotores Culturais, além das tradicionais oficinas, conferências e espetáculos de dança, música, teatro e arte visuais, a exemplo de Ana Botafogo, Cia. de dança Alaya, grupo de Teatro SESC Amazonas, Sinvuca e orquestra sinfônica da Paraíba, Quinteto Paraíba, Belchior, entre dezenas de outros.

Segundo sua idealizadora Eneida Agra, “a credencial do Festival de Inverno é a sua própria história”. Criado em 1975, sobreviveu ao autoritarismo, fortaleceu-se na democracia e consolidou-se na contemporaneidade, acompanhando sempre o que existiu de mais moderno no país e no exterior, o Festival desenvolveu projetos culturais, sociais e educacionais, contribuindo não apenas para as atividades artísticas, mas para o desenvolvimento humano.

Embora com práticas artísticas diferentes, estas artísticas têm em comum o fato de serem construtores de um Nordeste, cuja visibilidade e dizibilidade estão centradas na memória, na reação ao moderno, na busca do passado como dimensão temporal; assinaladas positivamente em sua relação com o presente.

Em 2005, Elba Ramalho participou deste espetáculo juntamente com a apresentação da Cia. de dança mineira no Primeiro Ato, destacando o espetáculo “O Mundo Perfumado”. Também marcou presença Carlinhos de Jesus, dançarino que exportou o nome do Brasil para

grandes acontecimentos internacionais de dança, na oportunidade o espetáculo “Isto é Brasil”, já enfatizado, contou com a participação muito especial da bailarina clássica Ana Botafogo.

É dentro deste contexto que surgem as formulações culturalistas, esta procura da harmonia alia-se à procura da permanência da manutenção da ordem. No entanto, percebemos que o pensamento nordestino se orienta mais pelo sentido de uma cultura tradicional baseada numa realidade rural. Sempre pensando como regiões rurais mesmo sendo desde longa data algumas das maiores regiões do país, são totalmente negligenciadas, seja na produção artística, seja na produção científica. As cidades nordestinas, mesmo nos eventos quando tematizados parecem ter parado no período colonial são abordadas como cidades folclóricas.

O Festival de Inverno na sua 30ª edição trouxe a apresentação do grupo de teatro “Tá Na Rua”, que há mais de 25 anos leva espetáculos de teor político às praças do Brasil, interagindo de maneira permanente com o público. Além disso, a celebração ao Dia do Folclore, 22 de agosto constitui-se em uma festa popular na Praça da Bandeira com apresentações de grupos populares de todo o Estado (Zabelê, Alcantil, João Pessoa, Riacho de Santo Antônio, Campina Grande).

Entendemos que os Festivais de Inverno proporcionam a participação dos mais diferentes grupos de artistas que de maneira democrática participam do evento de acordo com a cultura de sua região. Não existe uma melhor ou pior apresentação cultural, mas uma diversidade de talentos e mostras culturais brasileiras que engrandecem a comunhão entre a tradição e a cultura.

O Nordeste mesmo sendo visto por alguns modernistas como o último reduto da cultura brasileira, entendida como cultura luso-afro-ameríndia, por não ter passado pelo processo de imigração em massa. É importante, pois, acompanhar não apenas a institucionalização do evento, feita pelo discurso de seus governantes e coordenadores, ou pelo contraponto com o olhar dos intelectuais de outras áreas do país, mas também acompanhar o trabalho dos artistas e romancistas que produziram esta elaborada imagético-discursiva regional de real poder de

impregnação e de reatualização. O Nordeste espaço da saudade, da tradição, foi também inventado pelo romance, pela música, pela poesia, pela pintura, pelo teatro etc.

Por isso, é notório nos Festivais de Inverno, os espetáculos marcados pelo regionalismo como: Alaya (Brasília), com o espetáculo “Matracar”; Experimental (PE) com espetáculo “Lúmem”; Cia. dos Homens (PE) com “Labirinto”; Andança (RS) com um espetáculo que mostrará a riqueza cultural das danças gaúchas e a Cia. Ilimitada, da Bahia, com o espetáculo “Imagens”, foram de suma importância para o prestígio dos Festivais de Inverno em Campina Grande-PB.

Sem dúvida, destacou-se os espetáculos de bailarinos e coreógrafos como Rui Moreira (MG), um dos mais premiados do país e com uma série de apresentações e prêmios recebidos no Brasil e exterior. Moreira apresentou o espetáculo “Receita”. Na parte musical, haverá ainda a apresentação da Orquestra Sinfônica da Paraíba.

Percebemos que as outras regiões do país com culturas diferentes adotam como características artísticas o ballet moderno, como foi destaque em 2008 a apresentação do Ballet *Quartier Latin* e Beatles Lado D. Na realidade, a mudança nos códigos que regem a arte e a cultura se expressa no enfraquecimento dos fatores ditatoriais, na decadência do mundo arcaico.

Assim, na programação dos cursos e oficinas que aconteceram no Centro Cultural e Centro de Tecnologia Educacional Professor Severino Loureiro. Paralelo ao Festival, durante o III Congresso Paraibano de Cultura onde foram discutidos os últimos 30 anos de produção artística no Brasil, décadas vivenciadas pelo próprio Festival de Inverno. Também são ministrados cursos para bailarinos, atores, danças populares, além de um curso especial para educadores da Secretaria de Educação do Município. Todas as apresentações e oficinas acontecem no Teatro Municipal Severino Cabral, Praça da Bandeira, SESC- Serviço Social do

Comércio, localizado no Centro, Circo da Cultura, Teatro Rosil Cavalcante e Teatro Raul Pryston (Monte Castelo).

Para Eneida Agra Maracajá, coordenadora do Festival, além das apresentações nacionais, o evento tem como meta valorizar a “prata da casa”, nas áreas de dança, teatro e música, inclusive com a realização de oficinas. “Campina Grande tem um celeiro de talentos, inclusive de dançarinos populares. O festival possibilita uma dimensão mais ampla, inclusive o caráter pedagógico através das oficinas”, inova no sentido histórico-cultural.

Mas é um caminho de pedras que ficará mais explicitado a profunda ambigüidade do projeto de transformação social muito voltado para o passado do que para o futuro. A arte trata da relação entre o artista e a cultura do seu tempo. Por muitos anos o Nordeste foi espaço de tradição, da saudade, não se faz apenas pelo discurso sociológico ou historiográfico. Ela é fundamental na transformação das formas visuais das imagens produzida pelo pintor, pela música, pelo teatro, enfim, pelas manifestações culturais como um todo.

A criadora dos Festivais é vista pelos jornais da cidade como aquela que promove a arte em Campina Grande-PB, sempre buscando inovar, no sentido de acompanhar o desenvolvimento da sociedade por isso, a partir do ano 2006 os Festivais de Inverno incorporou uma nova roupagem ao espetáculo. Este passou a seguir uma temática com o objetivo de atender a demanda da sociedade contemporânea em discussão a construção da cidadania. Atualmente a cultura local tem sido priorizada, uma vez que as manifestações culturais têm compromisso com a sociedade. E assim, as atrações culturais expressam a realidade de cada região brasileira porque cada espetáculo traz para o público uma produção independente, com característica específica da região. E isso é fazer arte. É importante investir na cultura artística por que a arte é imortal

Em 2006, o Festival de Inverno de Campina Grande ostenta um cargo novo dentro do seu organograma: o de diretor de articulação. Atribuído ao sociólogo Noaldo Ribeiro¹⁷, essa função designa, talvez, o amplo leque de atribuições que o mesmo tem dentro da estrutura de um evento que, finalmente, posicionou-se politicamente. Em uma de suas primeiras entrevistas promocionais, a educadora e “cangaceira da cultura”, Eneida Agra Maracajá, afirmou que “o Festival também é dos governantes, a cultura é um arco-íris, não tem partidos”, externando a idéia de que no evento há lugar para todas as cores, desde que o financiem. Essa fala da promotora incansável, apesar de sexagenária, indica que o mal-estar político do festival passado pegou mal. Num mesmo palco, na noite de abertura, trocaram farpas prefeito e governador e, atônita, a guerreira Eneida não pôde tomar partido de nenhum – afinal, como de praxe, recebeu verbas públicas de ambas as esferas do poder. Seria, no mínimo, deselegante para uma dama da cultura ser simpática ao verde em detrimento do laranja ou vice-versa. Sem uma captação de verba efetiva da iniciativa privada, o festival tem que ter muito jogo de cintura.

Com isso, firmando cada vez mais a hipocrisia e demagogia dos líderes políticos em Campina Grande, estes como outros posicionamentos negativamente egocêntricos, fazem com que a população veja os eventos como um pedestal de promoções de cunho político ou de qualquer área afim.

O Jornal da Paraíba entrevista Noaldo Ribeiro e aborda dentre outros assuntos o Festival de Inverno em Campina Grande-PB, inclusive a “neutralidade partidária”. Para Noaldo Ribeiro, o objetivo dos coordenadores do Festival de Inverno era criar uma instituição que pudesse captar recursos. No entanto, um fato singular acelerou esse processo.

É interessante notar que o fator econômico como determinante coaduna com o próprio momento histórico vivido no país, em que a transformação da estrutura econômica aparece como

¹⁷ Diretor de Articulação do Festival de Inverno em Campina Grande-PB.

um imperativo. Momento em que os estudos econômicos abandonam significativamente os investimentos de fundo cultural.

Entretanto, a FUNARTE – Fundação Nacional de Arte, nos concedeu a honra de co-realizar o Festival, exigindo que o Poder Público Municipal delegasse ao Solidarium a tarefa de realizá-lo. Isto foi feito pela prefeitura e, a partir de então, passamos a assumir efetivamente a realização do evento.

Percebemos que em relação a captação de recursos, mas 90% dos recursos que são recebidos pelo evento tem sido de origem governamental (Governo do Estado, Prefeitura, FUNARTE- Fundação Nacional de Arte, CHESF – Companhia Hidrelétrica de Energia de São Francisco).

O discurso nacional-popular vai tendendo, pois, a reelaborar a própria noção de cultura introduzindo a necessidade de que esta, para expressar os interesses do povo, fosse dotada de uma visão revolucionária, em relação a condição deste povo, e da sociedade nacional. Cultura é vista como sinônimo das manifestações estéticas voltadas para a discussão da questão do poder e da política. Na realidade, a expressão cultural é reforçada cada vez mais para atender os interesses da classe média-alta, e sua participação no mundo da política do país.

Conforme Noaldo Ribeiro, o Festival de Inverno passou por um momento de transição. O fato de o Solidarium ter conseguido, sem interferência de nenhum outro agente, captar recursos junto à CHESF- Companhia Hidrelétrica de Energia de São Francisco e à PETROBRAS -, sendo que com esta última não foi possível assinar o contrato por problemas de tempo, já significa um grande avanço para um instituto que tem apenas dois anos. Por outro lado, ainda é incomum na região contar com a participação da iniciativa privada, embora seja esta a nossa perspectiva.

O crescimento numérico deste grupo social, notadamente a partir do crescimento dos setores ligados às profissões liberais e das grandes cidades torna esta classe não apenas uma das

principais consumidoras dos artefatos e manifestações culturais do país, mas também umas das principais participantes deste movimento cultural e que o povo cada vez mais parecem ser composto dos estratos médios e burgueses da sociedade.

Na realidade, o Solidarium desenvolve outras ações além do Festival de Inverno, ou seja, as atividades desenvolvidas pelo Festival de Inverno (Cultura no Presídio, Projeto Carnavalesca e Girassóis do PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) passaram a ser da responsabilidade da Solidarium. Segundo Noaldo Pereira, estas atividades estão ao alcance social de todos. Dentre esses projetos são visíveis, os objetivos no sentido de humanizar a vida carcerária, preservar os traços culturais do carnaval brasileiro e, finalmente, enriquecer os serviços em prol das crianças deste programa.

A necessidade de amarrar a história a esquemas conceituais, que a transformam num jogo de cartas marcadas, nasce exatamente do medo de seu caráter destruidor, sacrificial, medo da abertura para o vir-a-ser do finito limitado, para a surpresa que esta significa. Essa pretensão do tornar a história previsível e a realidade plenamente controlável pela visão não passa de uma vontade de poder, uma vontade de verdade e interpretação e não uma condição objetiva da história.

A trigésima primeira edição do festival traz como tema a Nordestinidade Brasileira, a partir de um conceito do antropólogo Gilberto Freire acerca da identidade cultural do homem nordestino. Que traços de diferenciação cultural do homem nordestino em relação aos demais deste país serão enfocados nas mostras deste ano.

Para Noaldo Ribeiro:

Na verdade, o tema escolhido tem um tom provocativo. Não se quer referendar a teoria do sociólogo de Apipucos, mas de colocá-la sob o crivo da discussão face às novas reflexões desenvolvidas atualmente, principalmente, pelos historiadores Michel Zaidan e Durval Muniz. Por isso, a preocupação das mostras de música, dança e teatro é a de fazer desfilar pelos palcos do Festival as várias estéticas artísticas que vão desde o violeiro repentista, passando pela tradição de Benedito do Rojão, adentrando a

modernidade de Elba e Geraldinho Azevedo, até o som contemporâneo da Nação Zumbi.¹⁸

Para o sociólogo, Noaldo Ribeiro, a atual relação do homem nordestino com os de outras regiões do país, em especial sul e sudeste, está havendo mais tolerância e respeito para conosco. Sabemos que a relação do nordestino com pessoas de outros estados brasileiros é permeada de certo mito que define o nordestino como um pobre coitado. Na verdade, temos um presidente nordestino, isso demonstra que a coisa não é bem assim. De fato, a própria dramaturgia e demais formas de artes, talvez, tenha contribuído para formar no imaginário essa imagem pejorativa sobre o nosso povo. É o caso de reagir, de ser *sartreano*: "Não importa o que os outros pensam da gente. O que importa é o que fazemos com aquilo que os outros nos fazem."

É fundamental notar que o discurso tradicionalista toma a história como o lugar da produção da memória, como discurso da reminiscência e do reconhecimento. Através do Festival, Eneida Agra faz dele um meio de os sujeitos do presente se reconhecerem nos fatos do passado. De reconhecerem uma região presente no passado, precisando apenas ser anunciada. Ela faz dos Festivais o processo de afirmação de uma identidade, da continuidade e da tradição e toma o lugar de sujeitos reveladores desta verdade, mas encoberta.

Comparando o Festival de Garanhuns, apesar de mais jovem, não conseguiu ultrapassar em nenhum aspecto o Festival Campinense. Noaldo Ribeiro (2006) considera que, o Festival de Garanhuns não pode ser visto isoladamente. Ele faz parte de todo um projeto que une as políticas cultural e turística do estado de Pernambuco, traduzido pelo Circuito do Frio. Enquanto acontece o Festival de Garanhuns, Gravatá se prepara para fazer o seu, Triunfo etc.

Neste contexto, essa memória espacial, esteticamente recuperada, inspiraria a criação de um futuro melhor, liberto dos ativismos, artificialismos e utilitarismos. Um espaço regional, feito

¹⁸ Entrevista com Noaldo Ribeiro ao Jornal da Paraíba, concedida em 17/07/2006.

para permanecer no tempo; construído com o agenciamento de monumentos, paisagens, tipos humanos, relações sociais, símbolos e imagens que pontilham este território estriado pelo poder.

No que se refere à estrutura organizacional do festival de C. Grande-PB, não permite um atrelamento significativo entre turismo e cultura maior que o daqui, mesmo com 30 longos anos de experiência. Observamos que os projetos desenvolvidos constataam que a nossa proposta mantém a essência artística, além de realizar o casamento entre cultura e turismo.

É na memória que se juntam fragmentos de história, um espaço sem claros, preenchido completamente por estes textos, imagens e sons que lhes dão espessura. Espaço onde nada é provisório, onde tudo parece sólido como os monumentos, a fim de alcançar a permanência do ritmo da sedimentação cultural da sociedade.

Supõe-se que por não tratar-se de um festival de caráter não personalizado, ou seja, não está associado a um organizador, mas a uma equipe múltipla de profissionais de marketing, turismo, cultura, etc. É impossível dissociar a criatura do seu criador. Estamos vivendo um momento de transição, cuja perspectiva é de criar um colegiado para gerir o Festival. No entanto, isto nunca irá apagar o nome da professora Eneida Agra Maracajá como figura que não somente criou o Festival de Inverno, mas que se tornou parte dele. Esse novo horizonte traçado para o Festival partiu da própria professora Eneida, que hoje assume a função de curadora do mesmo.

Na realidade, a propósito da professora Eneida, foi dito por ela em uma entrevista durante o lançamento do Festival deste ano (2006) que “o Festival também é dos governantes, a cultura é um arco-íris, não tem partidos”. Essa afirmação é uma forma de manter o festival de bem com todos os grupos políticos que administram as esferas públicas e que são, potencialmente, patrocinadores do evento.

Por isso, o Festival de Inverno é um instrumento que enxerga a cultura em três dimensões: como símbolos e signos do viver, do crer, do criar e do fazer de um determinado povo, o que se

traduz pelas diversas artes; como promotor da cidadania; e como indutor do desenvolvimento econômico (esta é a perspectiva). Sendo assim, o Festival precisa manter uma relação de cordialidade, não apenas com o poder Mas, fundamentalmente, com a sociedade civil. A propósito da captação de recursos, junto a empresas privadas e federais foram feitos sem a menor injunção política, valeu no caso a competência do projeto.

Portanto, o 31º Festival de Inverno em Campina Grande apresentou o espetáculo intitulado “Som Nosso do Meio-Dia”, projeto elaborado para destacar dentro da Mostra de Música do evento os talentos campinenses. Na programação passou pelo palco da Praça da Bandeira um total de 17 cantores e bandas que apresentaram seus diversos estilos, indo do forró ao rock, da MPB à música instrumental.

No repertório, composições próprias e *covers* de sucessos conhecidos do público se revezaram no palco três bandas campinenses. O show da banda Carburafôr, apresentou além de músicas autorais, homenagens aos artistas nordestinos, com releituras de clássicos como Asa Branca, Xote das Meninas, entre outras músicas, ao melhor estilo pop rock.

Compreender a “alma de sua terra”, descobrir sua identidade também era a preocupação de Eneida Agra. Ao recuperar a memória pessoal significa organizar a memória coletiva. Assim, a essência do regionalismo passa também pela descoberta de si mesma, de sua identidade como pessoa e como intelectual. A representação do Nordeste é apresentado nessa imagem espacial interiorizada, um espaço melancólico e cheio de sombras; um espaço de saudades e misticismos.

Os componentes da Carburafôr, do guitarrista Cláudio Coruja, são trabalhos “Input Instrumental” e “Mistura de Ritmos”, num espetáculo totalmente instrumental, mostrando um pouco de cada estilo de suas influências: pop rock, baião, reggae, entre outros. A banda Agente S2, também de Campina Grande, apresentou *covers* de sucessos nacionais e internacionais do rock.

A preocupação de apresentar a alma da terra, a sua espiritualidade assentada no sobrenatural, na transcendência e na religiosidade atravessa também toda a história da cultura nordestina e do povo brasileiro. Assumindo sua condição de país místico tendo em suas fontes negras da memória e do inconsciente de um catolicismo nordestino sertanejo em que o sagrado se mistura com a natureza e com os vínculos sociais concretos. Um Nordeste de alma negra, mística, espiritual e oprimida em busca de sua redenção. Nordeste onde a mistura de sangue confundem os papéis sociais.

O novo programa dentro do 31º Festival de Inverno é coordenado por Alexandre Barros, o Tan, coordenador municipal de Cultura, juntamente com Noaldo Ribeiro. A idéia surgiu para retomar apresentações de artistas locais no Festival. As atrações foram selecionadas através de material encaminhado por artistas de todo o Estado. Em 2006, o Festival de Inverno em sua 31ª versão, na ocasião o diretor Noaldo Ribeiro, apresentou as novidades deste ano para o evento, o tema: Novidades do Brasil. Outro episódio de destaque foi o caso em 2006, por ocasião do 31º Festival de Inverno prefeito e governador trocaram farpas diante do público do Teatro Severino Cabral.¹⁹

A este respeito Eneida Agra diz:

O Festival também é dos governantes, a cultura é um arco-iris, não tem partidos. A rivalidade política prejudica. O Festival de Inverno é um instrumento que percebe a cultura em três dimensões: como símbolos e signos do viver, do crê, do criar e do fazer de um determinado povo, o que se traduz pelas diversas artes; como promotor da cidadania e como indutor do desenvolvimento econômico. Sendo assim, o Festival precisa manter uma relação de cordialidade, não apenas com o poder. Mas, fundamentalmente com a sociedade civil.²⁰

¹⁹ Cf. Folder do Festival de Inverno 2006.

²⁰ Cf. Discurso proferido por ocasião do XXXI Festival de Inverno.

Desta forma, Eneida aproveitou a oportunidade para externar a idéia de que no evento há lugar para todos desde que o financiem. Afinal, as verbas recebidas vieram de ambas as esferas do poder. Seria no mínimo deselegante para uma dama da cultura ser simpática ao verde em detrimento do laranja ou vice-versa. Sem uma captação de verba efetiva o festival não tem como acontecer.

Na realidade, a questão política em Campina Grande, tende a influenciar negativamente para a realização de qualquer evento público, principalmente se existir a necessidade de verbas do governo do estado ou município. O evento se torna um meio de legitimação política, assim, aquele que patrocina automaticamente está promovendo o sem nome. E em caso de oposição entre o governo estadual e municipal, essa rivalidade transforma-se em rivalidade entre a cidade e o Estado. Neste sentido, quem perde é a população. Assim, as querelas relativas aos eventos culturais apenas refletem parte de uma luta maior, que se trava em âmbito político. E do resultado dessa batalha influenciam os rumos das manifestações artísticas na cidade.

Por isso, no caso do nordeste as grandes empresas procuram explorar as atividades folclóricas e os produtos artesanais. O Estado deixa às empresas privadas a administração dos meios de comunicação de massa e investe, sobretudo, na esfera do teatro. O movimento cultural pós 64 se caracteriza por dois momentos que não são na verdade contraditórios; por um lado ele é um período da história onde mais são produzidos e difundidos os bens culturais, por outro ele se define por uma repressão ideológica e política intensa.

Na introdução do livro, *Cultura Brasileira & Identidade nacional* da autoria de Renato Ortiz, enfatiza que o tema referente à cultura brasileira e identidade nacional é um antigo debate que se trava no Brasil. No entanto, ele permanece atual até hoje, constituindo uma espécie de subsolo estrutural que alimenta toda a discussão em torno do que é o nacional. Pode-se dizer que a relação entre a temática do popular e do nacional é uma constante na história da cultura

brasileira, a ponto de um autor como Nelson Werneck Sodré afirmar que só é nacional o que é popular.

A noção de cultura popular enquanto folclore recupera invariavelmente a idéia de “tradição,” seja na forma de tradição-sobrevivência ou na perspectiva de memória coletiva que age dinamicamente no mundo.

O interesse pela arte desperta Eneida Agra a pensar a possibilidade de trabalhar com diferentes formas de expressão cultural e artística com os jovens, com grupos de teatro e as diversas experiências teatrais modificando assim o perfil das representações artísticas. Neste sentido, as manifestações culturais dentre elas os Festivais de Inverno, as rodas de viola, os concursos musicais de dança e teatro mostrou a arte em várias dimensões em suas expressões mais amplas.

Para Eneida:

A dança é a confluência de todas as manifestações artísticas advindas dos tempos mais remotos da civilização. Além da beleza coreográfica, envolvendo música e teatralidade, o canto, a plástica e o sentido oral real, oriundo da impulsividade humana. O Projeto Cultura no Presídio: Dança do Existencial, busca exercer junto aos cidadãos (apenados) duas de suas funções mais importantes, a de atuar como veículo de comunicação e o caráter terapêutico. A dança do existencial tem a pretensão de resgatar a condição de sujeito que o apenado vai perdendo na prisão. Não é apenas o direito de ir e vir que lhe é tirado, mas o direito à fala, a expressão²¹.

Neste sentido, as manifestações artísticas são expressões de arte e cultura. Assim, o Festival de Inverno está diretamente ligado às produções artísticas de impacto, buscando demonstrar através dos movimentos e das expressões de seus projetos de cunho sócio-cultural e educacional a exemplo do Projeto: “Cultura no Presídio”, recuperar a esperança através da dança, por isso, o grupo de dança formado por apenados, de homens, ora excluídos da sociedade, que a arte pode libertar os pensamentos destes indivíduos mesmo por alguns momentos.

²¹ Cf. Folder Festival de Inverno 2000

Segundo Eneida Agra Maracajá, a participação de um evento artístico de cunho internacional com um grupo de marginalizados, oferece a oportunidade de inclusão social. Assim, a coreografia como parte desse espetáculo, teve e tem como objetivo demonstrar que a dança é um instrumento que exerce a função de interferir sobre o indivíduo agindo no sentido de que, a mesma age, versando sobre o que não pode ser falado do universo interior do apenado. E assim, minimiza as angústias indizíveis, as barreiras intransponíveis, as humilhações e as descrenças existenciais, que por um “instante” encontra-se em sintonia com a arte.

No entanto, sabemos que os problemas do cidadão que se encontra em regime de “prisão”, não são fáceis de resolver. E a questão da arte em si não soluciona, mas silencia as angústias. Não podemos camuflar os problemas socioeconômicos do país usando como escudo a arte.

Para a organizadora deste Festival de Inverno, o incentivo a arte, principalmente quando em sua essência maior está envolvida a dança, da música ou do teatro significa dizer que a arte não foi, nem é privilégio de um povo, de uma época, de um meridiano, de uma cultura universal e eterna, nada contribui tanto para demonstrar a unidade do homem. Ele é um só, igual em seus anseios e sonhos, na necessidade de criar, e produzir arte, por isso, não podemos desprezar os talentos que compõem o humano.

Sendo a dança um momento ímpar para cada indivíduo, pode-se dizer que não tem um fim em si mesmo, não visa a formação de dançarinos precoces ou de profundos conhecedores da dança. Sua utilização deve ser feita como meio de alcançar uma série de objetivos da educação, que dentre outros se destacam a sensibilização, a socialização, a expressão corporal, a ampliação do desenvolvimento do ritmo, a autodisciplina, a aquisição da cultura. Desse modo, o Festival de Inverno é o memento em que a expressão da arte acontece nas várias dimensões que seja, na arte cênica, na música ou através da dança.

Por isso, a dança, para os povos primitivos, constituía também uma linguagem fundamental. Em todas as circunstâncias importantes da experiência humana, a dança era a representação daquilo que já tinha acontecido, do que estava acontecendo, ou do que se queria fazer acontecer que seja nas atividades cotidianas da vida ou da morte. Para Platão, a música desempenha um importante papel cultural e social: deveria ser cultivada desde a infância, mediante o adestramento da voz, do ouvido e da aprendizagem de um instrumento. Apesar dos diferentes pontos de vistas, uma coisa é certa, música e dança são atividades desde tempos primitivos elas aparecem associadas freqüentemente.

Segundo Renato Ortiz, a respeito afirma:

A cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre passível de interpretação, mas em última instância são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação. Os intelectuais têm neste processo um papel relevante, pois são eles os artífices deste jogo de construção simbólica. (ORTIZ, 2004, p.142)

Ainda segundo este autor, as manifestações culturais dependem dos interesses envolvidos, que seja os políticos, econômicos ou sociais a serem alcançados. Essa cultura “popular”, mais próxima do senso comum, mais identificada com os indivíduos, é produzida e consumida pela própria população local, sem necessariamente precisar de técnicas racionalizadas e científicas. É uma cultura transmitida em geral oralmente, registrando as tradições e os costumes de determinado grupo social. Percebemos que a cultura alcança formas artísticas expressivas e significativas.

Entretanto, existe um tipo de criação cultural que não se identifica com um único véis de criação artística. Essa produção é elaborada por músicos, escritores, dramaturgos, cineastas etc., cuja expressão é personalizada e criativa. E consegue manter um vínculo com a linguagem popular.

Na realidade, a “cultura” de um povo assim como os produtos desta cultura quer como o modo de vida, quer como o contexto do comportamento humano, etc., entretanto, há íntima ligação com a comunicação. Portanto, “cultura”, serve de mediadora da comunicação e é por esta avaliada. No entanto, a comunicação é mediada pela cultura, é um modo pelo qual a cultura é disseminada realizada e efetivada. Não há comunicação sem cultura e não há cultura sem comunicação, por isso, traçar uma distinção rígida entre ambas é afirmar que um dos lados é objeto legítimo de um estudo disciplinar enquanto o outro é relegado a uma disciplina diferente, constitui-se um exemplo da miopia e da futilidade das divisões acadêmicas arbitrárias do trabalho.

Definitivamente após 30 anos de realização do evento, chegou a um ponto de maturidade por parte de sua organização que passa a entender a necessidade de uma atitude profissional já a partir da criação desse instituto onde a captação de verbas obedecerá regras democráticas e poderá ser cobrado em termo de compromisso social.

Assim, a partir de 2006 os espetáculos adotam uma temática para realização do evento. Nesse contexto, neste ano de sua trigésima primeira edição, o Festival de Inverno trouxe como tema a “Nordestinidade Brasileira”, a partir de um conceito do antropólogo Gilberto Freyre acerca da identidade cultural do homem nordestino. A relação do nordestino com os indivíduos das demais regiões brasileiras é permeada de certo mito que define o nordestino como um pobre coitado.

Por isso, Renato Ortiz, em relação à cultura, afirma,

De qualquer maneira persiste o elemento conservador; valoriza-se a tradição como presença do passado, todo “progresso” implicando um processo de dessacralização da sabedoria popular. Um exemplo típico desta forma de literatura é o Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre. Concebe-se assim uma pretensa autenticidade das manifestações populares que irá radicalmente se opor a qualquer movimento de transformação da realidade social ²².

²² ORTIZ, Renato *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

O Festival de 2006 trouxe para se apresentar o pernambucano Geraldo Azevedo na Praça da Bandeira, onde foi exibido o conjunto das estéticas culturais citando a arte nativa na música de Biliu²³ de Campina e Cabruêra, evidencia os aspectos da regionalidade de Gilberto Freyre.

O Nordeste de Gilberto Freyre é enfatizado como o lugar da tradição, sempre tematizado de forma negativa como uma região de ignorantes pela literatura regionalista das mais diversas obras, a exemplo de Ariano Suassuna, Euclides da Cunha e outros. As obras desses autores contribuem para que o Nordeste seja visualizado apenas como lugar das manifestações folclóricas, das crendices populares. Desse modo, o Festival de Inverno incorpora através da cultura e da arte, a tendência regionalista baseado na denúncia das tendências regionais.

Luiz Gonzaga e sua visão tradicionalista são responsáveis por divulgar uma cultura regional diante do processo de generalização dos bens culturais produzidos pela sociedade. O nordeste de Gonzaga é criado para realimentar a memória. Assim, a cultura marcada por estereótipos solidifica uma identidade regional.

A música de Gonzaga vai ser pensada como representante de uma identidade regional que se firmou por meio da produção freyreana. Não é só o ritmo que vai instituir uma escuta do Nordeste, mas as letras, o próprio grão da voz de Luiz Gonzaga, sua forma de cantar, as expressões locais que utiliza os elementos culturais populares e, principalmente, rurais que agencia a forma de vestir, de dar entrevista, o sotaque, tudo vai significar o Nordeste.

O Festival de Inverno tendo como temática “Nordestinidade” remete a saudade como uma constante tanto nas músicas de Gonzaga como na vida de Eneida Agra. A saudade da terra, do lugar, dos amores ou da família. E assim, a idéia de passado de memória evocado saudosamente em forma de misticismo. Um espaço marcado por uma produção cultural tradicionalista.

²³ Cantor natural de Campina Grande-PB.

Luiz Gonzaga assume a identidade de “voz do Nordeste”, que quer fazer sua realidade chegar ao Sul e ao governo. Sua música tornou o Nordeste conhecido em todo o país, chamando atenção para seus problemas, despertando o interesse por suas tradições e cantando suas coisas positivas. Condizente com a visão populista que dominava a política brasileira neste momento e muito próximo da criação tradicional da política da região, Gonzaga se coloca como o intermediário entre o povo e o Nordeste e o Estado, que deseja saber quais são os problemas deste povo, cabendo ao artista torná-los visíveis. A seca surge no discurso de Gonzaga como o único grande problema do espaço nordestino. Para chamar atenção para este fato ele compõe Asa Branca, com Humberto Teixeira que chamou mais tarde de música de protesto cristão. Durante a seca de 1953, compõe com Zé Dantas Vozes da seca, na qual cobra proteção e providência por parte do Estado, surgindo inclusive soluções a serem tomada para o problema agenciando claramente enunciados e imagens do já quase secular discurso da seca.

Neste Festival, as apresentações artísticas além da música, da dança, do teatro e dos espetáculos de violeiros, repentistas, marcaram a tradição na arte. A saudade nas músicas de Rosil Cavalcanti aflorou as sensibilidades do público. E assim, o nordeste cantado através das músicas de Luiz Gonzaga: “Paraíba” ao mesmo tempo Eneida Agra é chamada de “Cangaceira das Artes”, pelo então prefeito Veneziano Vital do Rego. Essas saudades vêm se juntar as saudades de Eneida de um passado que ela não quer deixar esquecer²⁴.

Na realidade ainda podemos dizer que a preocupação maior de Gonzaga era com a conquista do espaço para a cultura nordestina, para sua música e com o reconhecimento do sul, expressando o já estabelecido complexo de inferioridade dos produtores culturais e intelectuais nordestinos que precisam sempre da validação do Centro-sul para seu trabalho.

²⁴ Cf. Folder Festival de Inverno 2006.

E assim, a produção cultural de um povo, desde a pré-história até nossos dias, evidencia que o homem faz cultura, ao mesmo tempo em que manifesta por meio dela o seu conhecimento e a sua visão de mundo. O folclore da Bahia destaca a cultura de um povo é a oportunidade de comparar as diversidades culturais.

Neste sentido, Eneida como representante deste Festival desenvolve uma postura irreverente, tenta passar a idéia de que o espetáculo somente tem acontecido porque ela está a frente, como guerreira, batalhando sem cansar para a realização do evento. A figura da promotora incansável exerce a função de coordenadora e incentivadora da arte e da cultura no município.

Sabemos que isto se deve ao fato de que a cultura é uma invenção recente assim como o nordeste fruto em grande parte deste próprio desenraizamento do espaço da cultura e da memória do passado, não é apenas evocação, mas principalmente da criação de um espaço imaginado e de tradições feitas em contraponto a realidade urbana enfrentada e reforçada pela construção da identidade neste espaço e que possibilita a invenção desta cultura. A escuta é um dos principais mecanismos de delimitação desses novos territórios.

Assim, os festivais evidenciam um espetáculo a favor da arte, práticas estas que se constitui num dos efeitos e materialização dos discursos elitistas circulante, principalmente entre a elite local, tendência que se acentua paulatinamente. Culturalmente, ressignifica a eficácia da memória e da identidade social e contribui para valorização da arte popular. Essa temática sofre permanente atualização, tal como na literatura do cordel; tende para a crônica do cotidiano.

O Nordeste é criado para realimentar a memória do migrante. Não é por se ligar a estes setores marginalizados, no entanto a música nordestina vai se mantendo e continuando como uma música regional. Como expressão de uma região que era vista como o espaço de atraso, fora de moda, do país; região marginalizada pela própria forma de como se desenvolveu a economia e como foi gestada discursivamente.

O Festival de Inverno de Campina Grande é um evento que, há décadas, trás para a cidade grandes valores culturais. É um momento das artes, seja ela musical teatral ou dançante. Contudo, e cultural da Paraíba, a FIEP apóia o Festival de Inverno. Para o Instituto de Arte, Cultura e Cidadania - SOLIDARIUM²⁵ é responsável mesmo chegando a sua 32ª edição, o evento ainda sofre um entrave para a sua realização: a falta de patrocínio.

O espaço desenhado nos Festivais de Inverno temáticos e imagens já cristalizadas, ligados a própria produção cultural popular, fruto das manifestações da cultura popular. Por abranger os versos dos poetas, o circo, os fragmentos da literatura oral como provérbios e ditos populares, lendas, crenças e superstições.

Comprometida com o desenvolvimento industrial do Estado e também com o segmento social pela realização do evento. “O apoio da Federação não se resume apenas ao financeiro, a FIEP patrocina a “cara” do Festival que é o material gráfico e ratifica o grande momento nacional da cultura, pois este evento tem história, e a FIEP sempre chega na hora certa, Buega²⁶ sempre chega na hora certa, pois ele conhece o Festival. O apoio da Federação vem dar o aval de credibilidade em um momento muito especial e, principalmente, confirmar a importância do Festival de Inverno que, há 32 anos, promove a cultura na cidade”, destacou a presidente do SOLIDARIUM, Eneida Agra Maracajá.

Em vários momentos os Festivais de Inverno transmitem uma visão bem-humorada da vida do ser nordestino. Despertar o interesse dos patrocinadores para a cultura no Estado é difícil, uma vez que historicamente foi construída uma visão depreciativa do artista, os estereótipos ainda persistem e assim passa a encarar a imagem da dependência econômica, demarca fronteiras, institui a dependência cultural dos eventos na cidade como o lugar de perda dos valores

²⁵ ONG responsável pelo financiamento dos Festivais de Inverno.

²⁶ Diretor da FIEP –Federação do Estado da Paraíba.

tradicionais, da vida da informando as transformações históricas e sociais ocorrendo no país significando recusa destas mudanças.

A coordenação do Festival de Inverno de Campina Grande revelou ainda que, desde o ano passado, vem distribuindo, junto às empresas de grande porte, o Projeto do Festival de Inverno, mas a morosidade e a greve no Ministério da Cultura criaram entraves no processo, razão pela qual, surgiram dificuldades para fechar a programação deste ano contou com a participação das companhias de dança de Campina Grande e o conceituado Choro e Valsas do ballet de Niterói.

O espaço do Festival de Inverno é construído por um saber que implica uma nova visibilidade do nacional. Uma geografia de toques, de sons, de requebros, de ritos, de territórios “livres” onde brota a arte os bailarinos. Um espaço onde os indivíduos possuem o controle do tempo, de suas vidas e de seus trabalhos. O equilíbrio, a força, os gestos, a harmonia da arte se misturam de maneira a proporcionar a oscilação entre a realidade e a fantasia ministrados pela música dos Beatles.

Em 2008 o XXXIII Festival de Inverno de Campina Grande tendo como temática: “Infinita Utopia”. Os tempos atuais, marcados pelo processo de globalização e todas as adversidades delas advindas renova uma velha questão quase arquivada pela exacerbação da competitividade e pela ascensão desmedida do individualismo. Esse quadro provoca a necessidade de um olhar atento no retrovisor da história, tornando atualíssimo e pertinente a luta pela construção de uma nova utopia, capaz de reacender o humanismo, colocando-o em primeiro plano.

O estabelecimento de um novo mundo, a transformação de uma realidade, de um sonho, de um desejo de mudança começa a simular novas possibilidades de existência. Transformar o real em sonho é a única forma de sair da cena, é fundar um mundo onde possa reencontrar a estabilidade, através da arte das imagens fixas e nítidas de um mundo globalizado.

“Infinita Utopia”, sob o manto desse monte inspirador, o Festival de Inverno de Campina Grande, o mais antigo da região nordestina e o 4º mais antigo do país realizam a sua XXXIII edição conservando sua premissa de não apenas fazer círculos as artes e promover o intercâmbio, mas induzir a comunidade à prática da reflexão e o exercício da cidadania, sem falar como constituir-se em objeto da atividade turística de forma a gerar ocupação e renda cumprindo, há mais de trinta anos, os requisitos hoje adotados pela Secretaria de Comunicação da presidência da república no que toca a celebração de patrocínio.

Este espaço é simulado por meio de seus personagens marcados pelo ambiente físico e social pela linguagem, pela forma e pelo conteúdo do dizer e do olhar. Este espaço expressa, no entanto, a universalidade da cultura. Um espaço que surge como uma produção que cerca os mundos culturais diferentes quanto a capacidade de transformação do mundo pelo homem.

O evento ao completar 33 anos de realização tendo como tema principal “Infinita Utopia” contando com a participação da Companhia de dança *Quartier Latin* (SP) e o espetáculo Beatles lado D, cada música apresentava um conjunto de sutilezas, intrigantes extasiantes esculpindo corpos embalados por uma canção, também a Companhia de Dança Débora Colker (RJ), Cia de Teatro Denise Stoklos (SP), ainda shows com Nana Vasconcelos (RJ), cordel de fogo encontrado (PE) e o grupo Teatro Mágico (SP), fizeram dessa mostra de arte e cultura momentos de inclusão social.

A produção de imagens expressivas nestas apresentações da Cia. de Dança *Quartier Latin* do Estado de São Paulo significou a expressão de uma tendência contemporânea das manifestações artísticas marcada pela identificação com o nacionalismo em oposição à cultura tradicional formalista da arte. Entretanto, persiste ainda a influência americana, uma vez que as músicas dos Beatles deram o tom da temática.

De acordo com a coordenadora do evento Eneida Agra, o evento ganhou dimensão nacional e tornou-se um laboratório de idéias e saberes enquanto cultura brasileira. Os Festivais de Inverno é composto de: música, dança, peças de arte e desfiles. Nada melhor para exercitar esse sentimento libertário do que beber nas fontes das culturas e das artes, sempre essas últimas verdadeiras tradutoras da experiência vivenciada pelo homem e por vezes inventoras de novas realidades, especialmente quando induzem, a partir do concreto, formas e ou modelos de contraculturas, caso que se coloca como necessidade para alterar a paisagem social, política econômica e cultural vigentes.

A temática “Infinita Utopia” marcou a apresentação como um verniz moderno. Assim, a produção cultural aliada a imagem nacional, mostraram uma imagem privilegiada. Nesse contexto, o ballet emergiu como uma temática privilegiada deste Festival, preocupada com as questões sociais do país, com a sua cultura e com a necessidade de transformação desta realidade. A crítica chega a tomar a modernidade como pré-requisito básico para mostrar um Brasil, a partir da perspectiva social.

Dessa forma, nada melhor do que o Festival de Inverno de Campina Grande vindo a converter-se em arena não apenas para circulação de artistas, iniciação e formação de artistas, mas fundamentalmente para colocar na pauta do dia os desejos e impasses capazes de prover de sustentabilidade, o direito ao sonho possível e o direito à utopia.

Por isso cai como uma luva em mãos certas, discutir se a produção cênica e musical e assim continuar a ensejar o desejo coletivo no que se refere ao desenho de novas formas de viver; e que representa as artes cênicas contemporânea no processo de invenção de uma nova realidade social; o que se pode extrair da musicalidade brasileira em termos de perspectivas utópicas.

Dessa forma, percebemos que o mais flexível possível dessas preocupações permearam as mostras de teatro, dança e música, mas se concentraram nos debates, por meio do Fórum das

culturas ferramenta que concentra o teor reflexivo do Festival. Ademais, buscando garantir o acesso democrático as artes, o Festival ampliará os espaços gratuitos, como a Praça da Bandeira (coração da cidade), as próprias ruas do Centro, apresentando, principalmente, a chamada música erudita, e o teatro e a dança em plena Praça Clementino Procópio, também no centro da cidade. Portanto, além dos benefícios artísticos culturais, o Festival priorizará as ações de natureza cidadã e, simultante, continuará o seu esforço para fortalecer o desenvolvimento econômico, abrindo portas para o turismo cultural, agregando-se ao Trade turístico e buscando a ampliação de seus apoios no seio da iniciativa privada.

A idéia de popular se confunde com as do tradicional e antimoderno, fazendo com que a elaboração imagética tenha enorme poder de impregnação nas camadas populares, já que estas facilmente se reconhecem em sua visibilidade. Parece, hoje, ser preciso ultrapassar as nações ou as regiões para permitir a emergência do novo. Porque a nação, tanto quanto a região se tornaram maquinarias de captura do novo, do diferente e por isso vivem permanentemente em crise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Festivais de Inverno é uma celebração que reúne todas as artes. A música, o teatro, a dança, as artes plásticas, o artesanato e a liturgia. Elas fazem parte das coisas que inventamos para preencher o mistério vazio. A arte alimenta a alma, povoa sonhos e nos revela a presença da cultura. Nas coreografias dos bailarinos, na gestualidade corporal dos atores, na beleza colorida dos figurinos e alegorias, na singeleza da liturgia e em tudo que é realizado reconhecemos arte e cultura.

O florescimento da literatura dramática brasileira tornou-se signo da maturidade artística e eis que o Golpe Militar de 1964, desastroso em todos os sentidos trouxe para o palco a hegemonia da censura. Ela não veio de repente, como se houvesse outras prioridades a cumprir. A sobrevivência do teatro tornou-se difícilíssima com a edição do Ato Institucional nº 5 e o advento do governo Médici, que sufocou o que ainda restava de liberdade.

No palco do Teatro Severino Cabral só se passou a respirar de novo com a abertura política iniciada no governo Geisel e prosseguida no governo Figueiredo. Mesmo assim, os espetáculos teatrais marcaram significativamente a cultura na cidade de Campina Grande-PB. A iniciativa de Eneida Agra Maracajá funde o dramaturgo nos espetáculos que se desenvolveram enriquecendo o teatro. Alia o espontâneo ao elaborado, o popular ao erudito, a linguagem comum ao estilo terso, o regional ao universal.

A característica marcante dos Festivais de Inverno é uma mistura mística de religiosidade e superstições folclóricas. Eneida Agra tem como devoção a Santa Teresinha, e assim tomou como padroeira dos Festivais de Inverno a Santa Teresinha. Os festivais de

Inverno têm em sua abertura a realização de um memorial a todos os credos, tanto se homenageiam os negros afro-brasileiros, como as demais manifestações de cultura brasileira mesclada de todos os credos e da cultura de todos os povos. E assim, o Festival tem um lugar para todas as culturas.

A história em seu caráter disruptivo, é apagada e, em seu lugar, é pensada uma identidade regional a-histórica, feita de estereótipos imagéticos e enunciativos de caráter moral, em que a política é sempre vista como desestabilizadora e o espaço é visto com estável. A questão que se coloca é como produzir cultura, lançando mão das mais diferenciadas informações, matérias e formas de expressão, seja de que procedência for e, ao mesmo tempo, não se submeter às centrais de distribuição de sentido nacionais ou internacionais, como ser global e singular. É preciso, para isso, se localizar criticamente dentro destes fluxos culturais e não tentar barrá-los e produzir uma permanente crítica das condições de produção do conhecimento da cultura no país em suas diversas áreas. E assim, ter um olhar crítico em relação a esta cultura.

Não se trata de buscar uma cultura nacional ou regional, mas uma identidade cultural, buscar diferenças culturais. O discurso historiográfico pode contribuir sobremaneira para a ruína das tradições e identidades que nos aprisionam e nos reproduz como esta nação sempre a procura de si mesma. É fundamental reconhecer o subdesenvolvimento econômico e a estrutura de classes da região, haja vista não são suficientes para explicar a dificuldade em transformar este espaço em espaço moderno. Existe uma verdadeira falta de interesse político, de legitimidade social, do valor da inovação, um acentuado apego ao tradicional, ao antigo, fazendo com que a modernização atue no nordeste no sentido de mudar o menos possível as relações sociais, de poder e de

cultura.

Portanto, os Festivais de Inverno apresentam uma forma de “cultura nordestina, no sentido de constituir-se um complexo cultural historicamente datável”. É fruto de uma criação político-cultural, que busca diluir as próprias diversidades e heterogeneidades existentes neste espaço, em nome da defesa de seus interesses e de sua cultura. Precisamos sim, renunciar a todas as continuidades irrefletidas, sobretudo termos como tradição, identidade, cultura regional e nacional, desenvolvimento, subdesenvolvimento, evolução, e para sermos capazes de pensar o diferente e a pensá-lo fazer diferente. Diferença que, longe de ser origem esquecida e recoberta, é a dispersão do que somos e fazemos.

REFERENCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.
- ARANTES, Antonio Augusto **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7 Ed. São Paulo: Ática, 2004.p.13.
- _____, **“Cultura Brasileira”**.In: SAVIANI Dermeval e outros, *Filosofia da educação Brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.
- BURKE, Peter O Mundo do Carnaval. In: **Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo. Cia. das Letras, 2004. p. 202-228.**
- CALDAS, Waldenyr. **Cultura**. São Paulo. Global, 1988, p.11-35.
- CHARTIER, Roger **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S.A. 1990, p.13-67.
- CHAUÍ, Marilena **Conformismo e Resistências: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1995, pp.10-45.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. 4 Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- NAPOLITANO, Marcos **O regime militar brasileiro: 1964-1985** 4 Ed. São Paulo: Atual, 2004. pp.70-88.
- _____, **Cultura Brasileira – Utopia e massificação (1950-1980)**. São Paulo, Contexto, 2001.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. 4. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- SILVA, Kalina Wanderlei **Dicionário de Conceitos Históricos** São Paulo: Contexto, 2004.
- ENTREVISTA:**
- Eneida Agra Maracajá concedida em 05/05/2008 e 10/07/2008.

ANEXOS

Festival
di Inverno
CAMPUS GRANDE



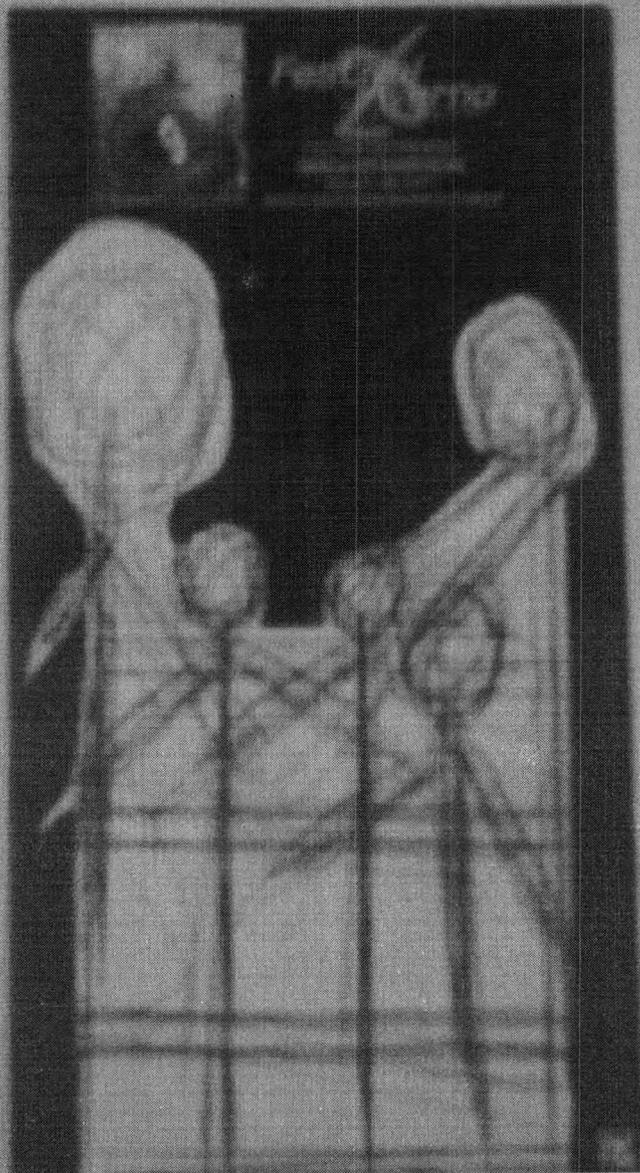
III FESTIVAL DE BAILANDO DE CARRETERA CRUCERO
IX Encuentro Nacional de Escuelas y Grupos de Danza



13 a 20 Julio 1967
Cine de Cultura

BAILE

TEATRO NACIONAL QUINCE DIAS
CENTRO CULTURAL DE SANTA TERESA



XIV FESTIVAL DE INVERNO
DE CAMPINA GRANDE

XI ENCONTRO NACIONAL
DE GRUPOS DE DANÇA

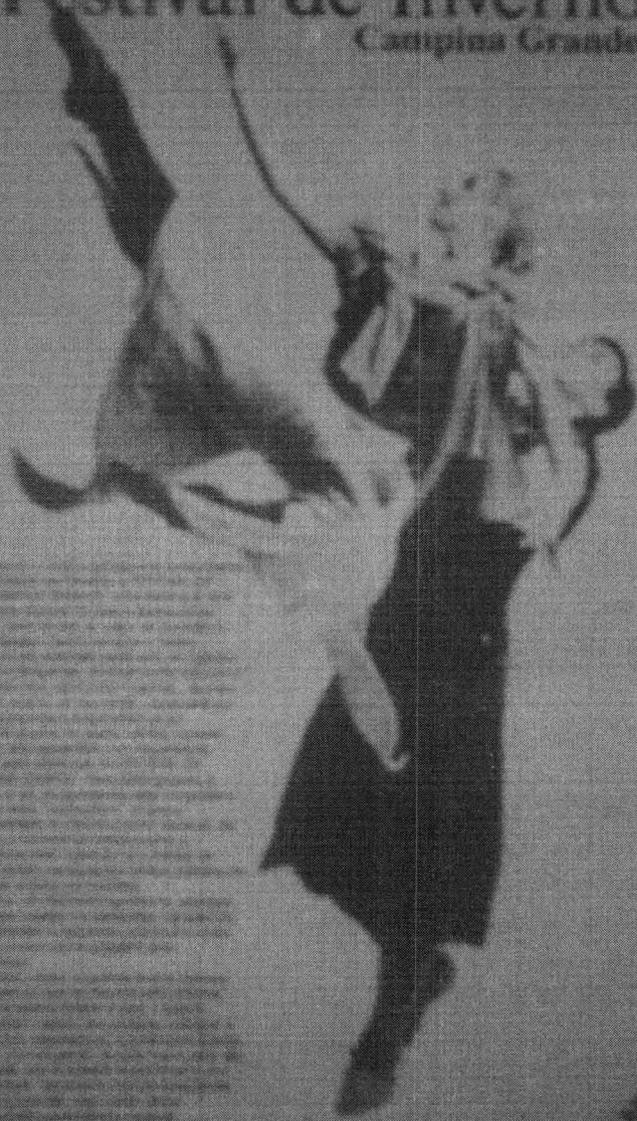
VII CICLO DE DANÇA
NORTE E NORDESTE



1989

XVI Festival de Inverno

Campina Grande



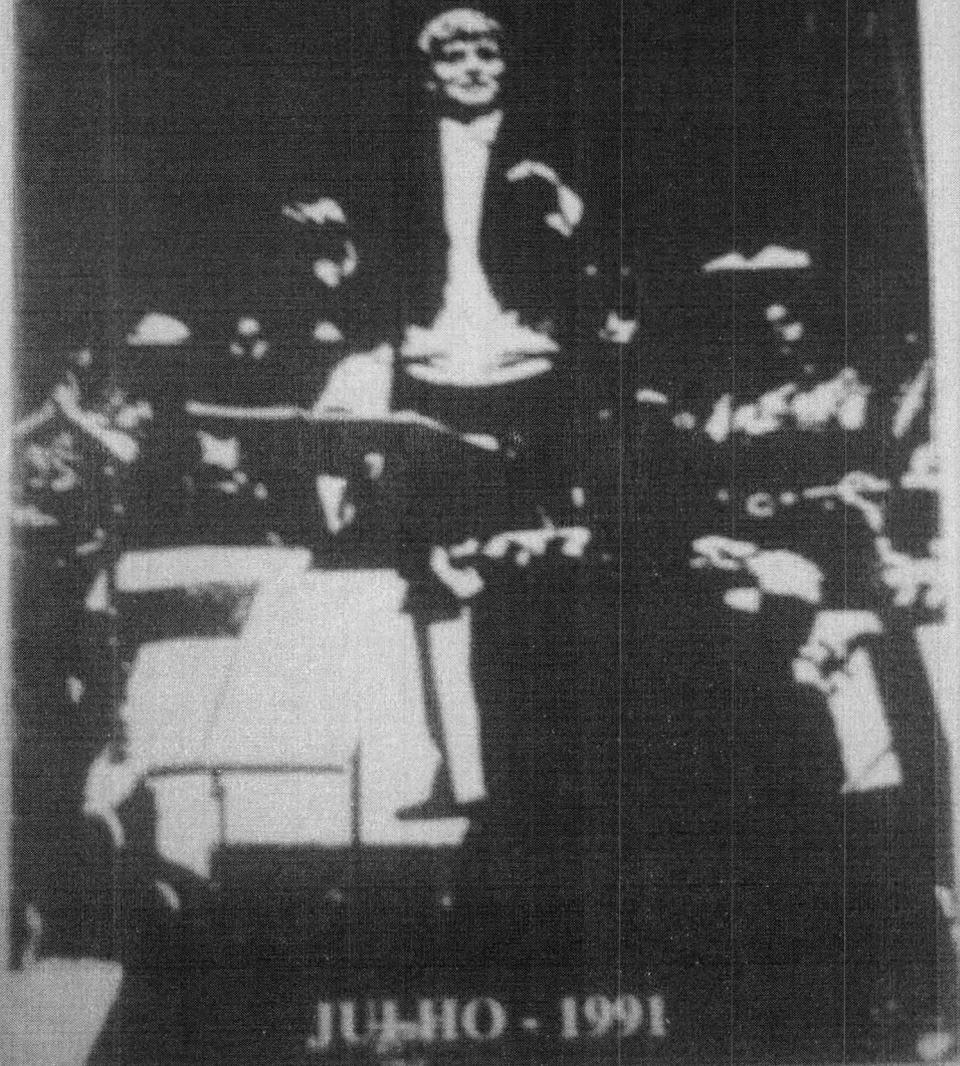
...a dança é uma linguagem que se expressa através do corpo e do movimento. É uma forma de arte que busca a beleza e a harmonia no gesto e na postura. A dança é uma linguagem que se expressa através do corpo e do movimento. É uma forma de arte que busca a beleza e a harmonia no gesto e na postura. A dança é uma linguagem que se expressa através do corpo e do movimento. É uma forma de arte que busca a beleza e a harmonia no gesto e na postura.

...a dança é uma linguagem que se expressa através do corpo e do movimento. É uma forma de arte que busca a beleza e a harmonia no gesto e na postura. A dança é uma linguagem que se expressa através do corpo e do movimento. É uma forma de arte que busca a beleza e a harmonia no gesto e na postura.

...a dança é uma linguagem que se expressa através do corpo e do movimento. É uma forma de arte que busca a beleza e a harmonia no gesto e na postura. A dança é uma linguagem que se expressa através do corpo e do movimento. É uma forma de arte que busca a beleza e a harmonia no gesto e na postura.

DOCUMENTÁRIO

**XVI FESTIVAL DE INVERNO
XVI MOSTRA DE MÚSICA
CAMPINA GRANDE - PB**



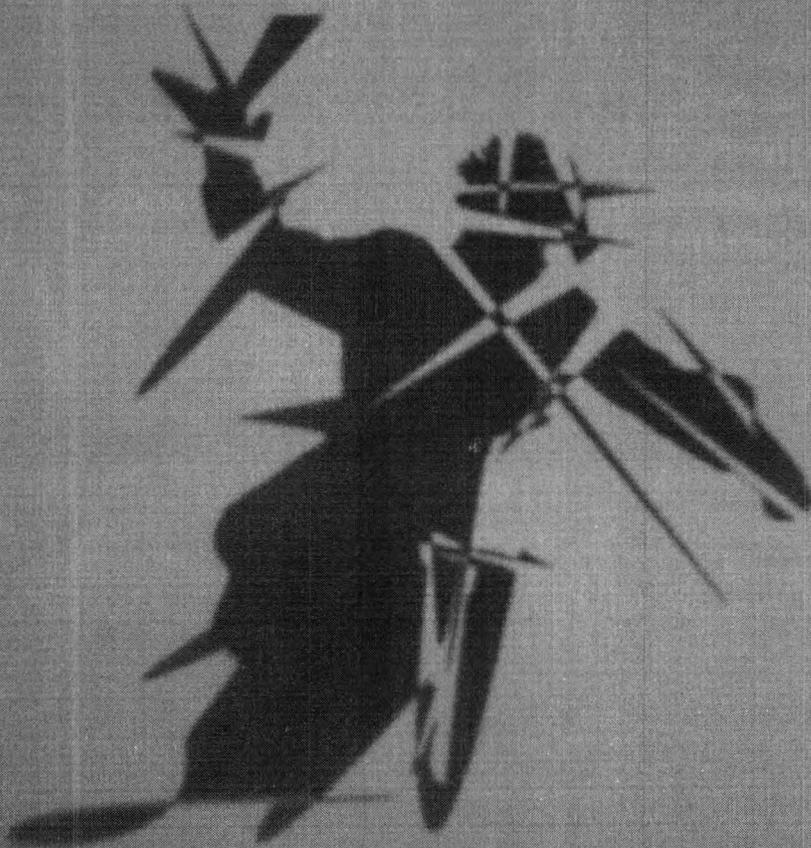
JULHO - 1991

18
ANOS

FESTIVAL DE INVERNO
DE CAMPINA GRANDE

1997

XX FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE
XXI MOSTRA NACIONAL DE TEATRO



Julho - 95

**XX FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE
ENCONTRO INTERNACIONAL DE DANÇA**



Julho / 99

XI FESTIVAL DE INVERNO



XVIII
ENCONTRO
NACIONAL
DE
MÚSICA

Campina Grande - Paraíba



DIPLOMA

CONFERIDO A
POR REALIZADO O
FESTIVAL DE



RECORDES

FESTIVAL
OFFICIAL
DE
LIVRO
E
JORNAL

PROFESSOR DE
1984
DOUTOR
MAGISTRO
INTELECTUAL
SABER
ESTIMULO
PROFESSOR

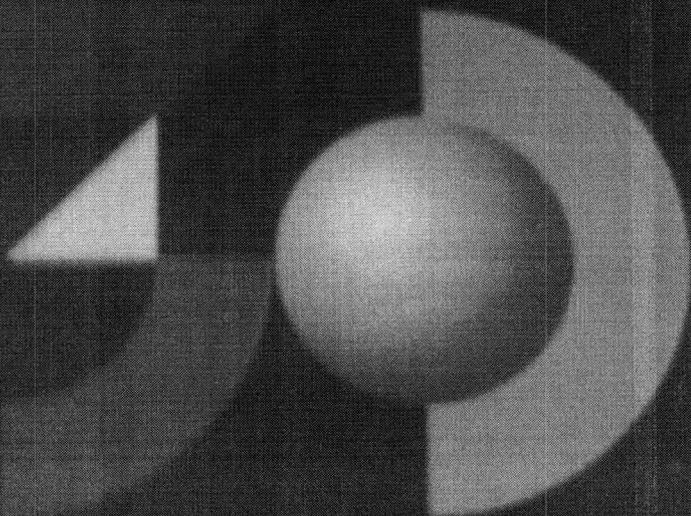
PROFESSOR DE
PROFESSOR DE

XXV FESTIVAL
de INVERNO



*ileu
de Prata*

TEATRO MUNICIPAL
SEVERINO CABRAL



A N O S

FESTIVAL

PROGRAMAÇÃO

XXXI
Festival de Inverno
de Campina Grande

Nordestinidade
Brasileira

13 a 25 de julho de 2006



Chesf. Lavato



13 a 25 de julho de 2006



XXII FESTIVAL DE INVERNO

Campina Grande • Paraíba • Brasil

CONTEMPORANEIDADE e FRONTIERAS

1000h de programação

19 a 23 de junho de 2007

nos teatros, ruas, praças e universidades da cidade

Dr. Afonso
Batista ?
Direção: A
Trilha: S
Iluminaç

FIG 7

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

